

ILUSTRAÇÃO

N.º 300 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

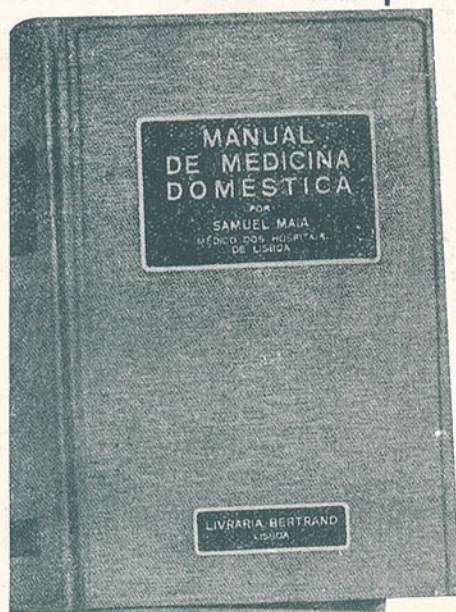
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultranar Português (Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada)	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada)	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada)	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
OS REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes, Banhos

CARBO-GAZOSOS, Duches,

Irrigações. Pulverizações e In-

lações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
MIA. Raios Ultra-violetas e In-
fra-vermelhos. Electricidade mé-
dica. MECANOTERÁPIA e
Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS

CULTURA FÍSICA

AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

REVELAÇÃO DO SEGREDO DA INFLUÊNCIA PESSOAL

Método simples para desenvolvimento do magnetismo, da memória e da força de vontade. Um livro de 64 páginas descrevendo detalhadamente este método único, assim como um estudo de carácter, são enviados gratuitamente a quem escrever imediatamente

«A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Dominio do Espírito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida.», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Intertiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinários referentes às práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração e da Força de Vontade por meio da maravilhosa ciência da Sugestão. O conde H. Csaky-Pallavicini escreve: «Cada um deveria possuir o vosso simples Método. Os ensinamentos que ele contém são tão necessários à humanidade, como o ar aos pulmões ou os alimentos ao corpo». Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supôr. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Quem escrever imediatamente receberá, além do livro gratuito, um estudo detalhado de carácter. Copie simplesmente, com o seu próprio punho, as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora) e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. (Dept. 6045-D.), Rua de Londres, No. 18, Bruxelas, Bélgica. Se quiser pode juntar à sua carta Esc. 2.70 em selos de correio do seu país, para despeza com franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é de Esc. 1.75.

N. B. — A Psychology Foundation é uma casa editora desde muitos anos. Pela distribuição dos seus úteis livros e brochuras tratando de questões psicológicas e mentais, ela conseguiu arranjar inumeráveis amigos. Mais de 40 professores universitários contribuíram nas suas edições e todos os trabalhos, pelos quais um preço é fixado, são vendidos com a garantia de satisfação ou reembolso.



Conde H. Csaky-Pallavicini



**Elasticidade
significa bem estar**

Cabeça clara e certeza de golpe dão a vitória, tanto no jogo como na vida. Não hesite — livre-se de dores pela



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

A VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

SOCIEDADE "ESTORIL"

**Horário - Assinaturas
Passeios - Excursões - Tarifas
Diversas regalias**

Um folheto recentemente publicado pela "Sociedade Estoril", e que é distribuído gratuitamente nos seus escritórios, contém indicações da maior utilidade para os passageiros da linha. Vejamos, rapidamente, as suas informações essenciais :

I — Os compradores de bilhetes com limite de viagens não carecem de desembolsar o preço de uma assinatura anual para beneficiarem da redução correspondente a esse período. Adquirindo uma série cada mês viajarão na linha durante um ano quasi pelo mesmo preço que pagariam se tivessem feito aquele desembolso.

II — A diferença considerável entre os preços da tarifa ordinária e os das assinaturas com limite de viagens pode ser avaliado por este exemplo : um bilhete de 1.^a classe entre Cais do Sodré e Cascais custa 9\$00 pela tarifa ordinária, ao passo que a mesma viagem, nas assinaturas por séries, custa apenas 2\$52.

III — E' concedida nessas assinaturas a redução de 50 % aos estudantes, que podem viajar do Cais do Sodré a Cascais por cerca de 60 centavos, ou seja pouco mais que o correspondente a uma zona nos carros eléctricos de Lisboa.

IV — A validade de uma assinatura de 52 viagens, ou seja pelo período dum mês, pode ser ampliada até um ano se na família do assinante houver alguém com uma assinatura por aquele período.

V — Foram diminuídos os preços das assinaturas sem limites de viagens. Uma assinatura anual de 3.^a classe entre Lisboa e Cascais, que custava 1.364\$55, baixa para 1.104\$90. Por pouco mais de 5\$00 diários o passageiro pode viajar em toda a linha as vezes que quizer.

VI — Estas assinaturas podem ser adquiridas por 1, 2, 3, 6 ou 12 mezes. Como acontece com as assinaturas por séries, os preços vão baixando de harmonia com as diferenças estabelecidas entre os diversos períodos, o que equivale à faculdade concedida ao passageiro de dividir por 5 prestações o pagamento de uma assinatura anual.

VII — Desde o segundo domingo de Junho até ao segundo domingo de Outubro, um bilhete de ida e volta do Cais do Sodré à Cruz Quebrada, em 3.^a classe, custa, aos domingos, apenas 2 escudos.

VIII — Por 12\$50 compra-se um *carnet* que dá direito a uma viagem de ida e volta ao Estoril em 2.^a classe, ao transporte em auto-car entre a estação e o Casino, à entrada no Casino e a uma despesa de 2\$50 no restaurante ou no bar. Exceptuam-se os dias de festa no Casino, nos quais será necessário pagar a sobretaxa do preço de entrada.

IX — Gastando mais 3\$50, ou sejam 16\$00, o passageiro tem direito à passagem de ida e volta, em 2.^a classe, do Cais do Sodré ao Estoril, ao transporte no auto-car entre a estação e o Casino e a jantar ou ceiar no Casino, gorjeta e taxa de turismo incluídas.

X — Para as pessoas que preferam as refeições nos hotéis estabeleceram-se quatro preços, de 25 a 45 escudos, conforme a classe no combóio e o número das refeições, uma ou duas.

XI — Por meio de uma combinação de tarifas com a C. P. e a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, a Sociedade Estoril vende bilhetes para um percurso que abrange o triângulo de turismo Lisboa-Cascais-Cintra. Os preços vão de 11\$70 a 48\$70, incluindo este último a viagem em 1.^a classe e o custo do almoço e jantar com gorjeta e taxa de turismo.

FESTEJAR Camões é enaltecer a nossa Pátria, é engrandecê-la mais ainda. Se Portugal tivesse um *Flos Sanctorum* lusitano, Camões deveria figurar à cabeça, como apóstolo, como evangelista, como mártir e como herói. *Os Lusíadas* seriam a Bíblia que todas as almas resariam em extasi, até se elevarem à perfeição suprema.

Se a fé cristã nos dá como guia precioso a *Imitação de Cristo*, a fé patriótica que todo o português deve sentir crepitar no peito, deve indicar-nos o exemplo de Camões.

Em todos os momentos, até nos de desalento maior, devemos rezar aquela sublime oração que êle nos ensinou:

*Esta é a ditosa pátria minha amada
À qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo!*

O CULTO DE CAMÕES

E a fé patriótica continuará a doirar as nossas almas através da vida, através de todas as aflições e contrariedades.

E tudo se conseguirá. Isso de Josué fazer parar o sol, segundo nos conta a Bíblia, o que foi senão um milagre patriótico?

*
*
*

Quando se procedeu à trasladação dos ossos de Luiz de Camões para os Jerónimos, houve quem puzesse em dúvida o verdadeiro local da sepultura do imortal poeta.

Que não, que no ponto indicado da igreja de Santa Ana não devia ser a sepultura, por esta razão e por aquele mo-

tivo... Outro afirmava que sim, que "à entrada da porta principal, à mão esquerda, estava a sepultura do famoso poeta Luiz

de Camões, a qual mandou fazer D. Gonçalo Coutinho".

Outro ainda, confirma que "na parede que fica na parte esquerda ao entrar pela porta principal desta igreja, junto da sua sepultura, se vê outra memória de Luiz de Camões...".

Êste problema tão debatido durante tantos anos, ainda apaixonou os arqueólogos que sempre gostaram das coisas nos verdadeiros lugares.

A nosso ver, a solução é muito simples. Sabemos onde é a sepultura do épico imortal e fazemos votos porque todos os portugueses o saibam.

O sepulcro de Camões, o único, o autêntico, é Portugal inteiro. O seu ataúde está formado pelos nossos corações.



Camões lendo Os Lusíadas aos frades de S. Domingos—quadro de António Carneiro



AS COMEMORAÇÕES

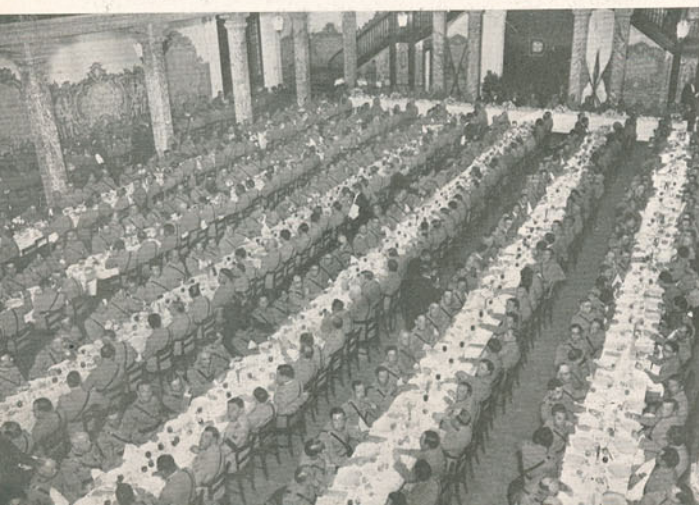
Festejando entusiasticamente o XII

Um aspecto do desfile dos legionários na Praça do Marquês de Pombal. — *Ao centro*: O sr. Presidente da República e o Governo na tribuna do Jockey Club assistindo aos imponentes exercícios de ginástica ali realizados pela "Mocidade Portuguesa". — O Chefe do Estado distribuindo os prémios. — *Em baixo*: Um aspecto do grandioso banquete realizado no Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII em que mil e cinquenta oficiais do Exército, rodeando o Chefe

DO DIA 28 DE MAIO

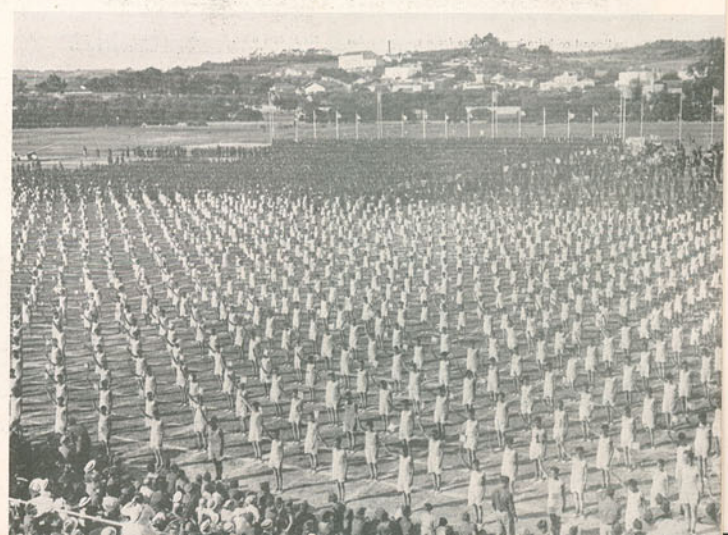
aniversário da Revolução Nacional

O desfile dos marinheiros na Avenida da Liberdade. — *Ao centro*: Dois aspectos do entusiástico cortejo presidencial na cidade do Pôrto. O sr. Presidente da República, acompanhado pelos ministros da Educação Nacional e do Comércio e Indústria, foi alvo duma recepção triunfal. Mais uma vez a Capital do Norte honrou as suas tradições. — *Em baixo*: Um imponente aspecto dos exercícios de ginástica no Jockey Club. Nem os soldados



do Governo, afirmaram em nome da sua briosa corporação a mais perfeita identificação com a obra realizada pela Revolução Nacional. Os srs. major Ricardo Durão e capitão Humberto Delgado proferiram vibrantes discursos enaltecendo a obra do Estado Novo. O sr. Presidente do Conselho falou, por fim, afirmando mais uma vez "a sua ânsia de renovação e de progresso, o seu desejo duma formação técnica tão perfeita como aquela a que dão direito a inteligência e saber teórico dos melhores valores, a necessidade da reforma moral, a cultura das virtudes militares, a subordinação consciente e total — corpo e alma — no inteiro sacrifício a essa realidade superior que é a vida da nossa gente e a História da nossa terra"

mais disciplinados executariam com mais destreza e pontualidade o manejo de arma comandado apenas por toques. Nos exercícios ginásticos vêem-se 1.800 filiados da "Mocidade" executar uma série de movimentos em que predominam o ritmo e a capacidade de resistência para as provas mais ousadas. Sob a direcção correctíssima do sr. tenente Marques Pereira começa a lição de movimentos de braços e pernas e exercícios respiratórios primorosamente executados. Os exercícios feitos, deitados no chão, levantam trovoadas de palmas. Em determinada altura dos exercícios, os rapazes empunham bandeiras da "M. P.". Tremulam mil e oitocentas bandeiras. A alma da Pátria entoou um hino admirável! Portugal revive em plena mocidade!



A ACTIVIDADE ALEMÃ



As últimas inundações na Estíria, vendo-se os trabalhos de desobstrução duma ponte cerca de St. Margareten. Como se vê na gravura acima, os danos causados pela cheia são enormes



Uma curiosa instalação de móveis feitos com matérias primas alemãs na secção das minorias da Checoslováquia e que faz parte da propaganda germânica que ali se faz



Um tradicional cocheiro húngaro que fez o transporte dos visitantes da Exposição Industrial de Berlim



Hitler com o dr. Dormmueller e o 1.º alcaide de Munich na reconstrução arquitectónica da cidade



Um modelo dos automóveis que serão construídos na nova fábrica alemã — a maior do Mundo

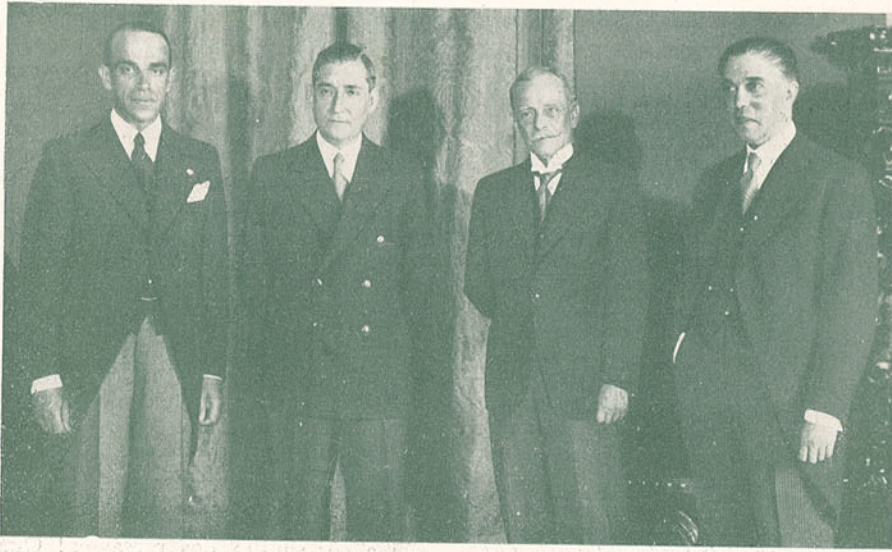


Um aspecto do campeonato de marcha com carga numa distância de 20 quilómetros, levando os concorrentes máscaras contra gás. Assim mostram a sua resistência física



Um aspecto do monte Zugspitze em que, após um trabalho de 4 meses foi construído um túnel de 800 metros de comprimento, ligando assim o caminho de ferro bávaro com o tirolês

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Os srs. Presidentes da República e do Conselho e ministro das Obras Públicas com o novo sub-secretário de Estado, engenheiro Roberto de Expregueira Mendes, após a assinatura do compromisso de honra de este último perante o Chefe do Estado. — A' direita: O estado em que ficou o avião caído no fundo da Granja do Marquês



Um aspecto da assistência na Festa a favor do Lar dos Intelectuais, na estufa fria do Parque Eduardo VII, vendo-se no primeiro plano o sr. Presidente da República e sua esposa. A comissão, constituída pelas mais distintas senhoras, sob a protecção da sr.^{ma} D. Maria do Carmo Fragoço Carmona, sempre solícita no auxílio a iniciativas altruistas, e de que também fazem parte as sr.^{mas} ministras de Itália e condessa de Monte-Real, atingiu plenamente o seu fim



Pela Associação Comercial dos Lojistas realizou a entrega de prémios escolares a três alunos da 'Escola Patrício Prazeres. A gravura acima mostra a direcção dos Lojistas com os alunos premiados. — Também o Ginásio Clube Português procedeu à distribuição dos prémios do III Concurso de Gimnástica Educativa. A gravura à direita mostra a mesa que presidiu à distribuição dos prémios



Luís de Camões

Camões é Portugal, e a festa de Camões o dia santo da Nação. Celebramos o herói religiosamente, vivendo este dia na sua alma, comunicando no pão do seu espírito. Adorem-lo para nos sublimar, para que nos atraia e venha a nós. As línguas

de fogo só descem quando se desejam, e os santos só nos ouvem quando estamos próximos.

Camões é o génio lusitano, a idealidade da raça num herói. Pertence ao grupo dos imortais, dos que viveram no mundo o breve instante, com olhos de eternidade e de infinito.

A vida resolve-se em dór e amor, e Camões amou e sofreu como poucos homens. Amou a justiça, amou a virtude, amou a beleza, amou a pátria na humanidade, a humanidade no universo, e o universo em Deus. E desse imenso amor, fez colheita de luto e colheita de dór. Semeou beijos e nasceram-lhe viboras. Poz na fronte um diadema de estrélas, e recebeu por galardão uma coroa de cardos. A inveja, o rancor, a estupidéz, a mentira, a hipocrisia, a ferocidade — bando de lobos e de hienas, vão atrás d'êlle continuamente. Não o deixam, rasgam-no, dilaceram-no. Toda a sua existência de herói e de mártir é a escalada abrupta dum calvário. O sangue do coração evapora-se-lhe em génio e verteu-se-lhe em lágrimas. Foi Apolo na cruz, aêdo e Messias, bardo e Redentor. Sonhou como um épico, lidou como um herói, e acabou como um santo.

GUERRA JUNQUEIRO

...Cuidemos dos vivos e honremos os mortos!

Nos vivos é necessário despertar tôdas as profundas e sagradas energias do



Camões e as Ninfas (Quadro de Columbano)

GLÓRIA A CAMÕES! A festa do épico imortal é o dia santo da Nação

supremo amor da sua terra e da sua raça.

Levantemos na sua alma a inspiração da renovadora fé nos destinos nacionais, e, para seu ensinamento, ergam-se tôdas as solenes vozes do passado, consagrando tôdas as augustas esperanças do futuro.

Desde Afonso Henriques a Afonso de Albuquerque, desde o Infante D. Henrique a D. Francisco de Almeida, a cordilheira dos heroísmos culminando em Nun'Álvares, Duarte Pacheco e D. João de Castro — a seus olhos avultou o inextinguível esplendor dos altos feitos.

A aurora de Ourique, de Aljubarrota, de Montijo e do Buçaco varra do nosso céu a côr sinistra dos preságios! Que o nosso exército levante bem alto a bandeira das quinas e que, sob as suas fardas, bata de novo o intrépido coração de Sá da Bandeira, e a espada flameje na mão convulsa dum Saldanha!

E que o espírito de Mousinho de Albuquerque encarne num grande general que se faça temer e amar, e que, ao sol das batalhas, conduza os nossos soldados à morte ou à vitória! E que sobre Portugal pare o génio da raça, a alentir tôdas as bravuras, a inspirar tôdas as façanhas, a criar tôdas as nobres ambições de glória! E que os Poetas cantem!

Em tôdas as grandes crises nacionais a alma épica do Maior Poeta desperta e vela...

A mais assombrosa obra dos tempos históricos — a dos nossos descobrimentos e conquistas — encontra nele o seu soberano intérprete; dir-se-ia que o génio nacional encarnou no seu génio; e tão íntima e profunda, e tão natural e viva, e tão violenta e amorosa é a sua ligação que Camões não é um símbolo sómente, mas a própria imagem, animada e calorosa, heróica e sublimada da alma nacional.

O culto de Camões é heróico; chama à acção.

GLÓRIA A CAMÕES!

A festa do épico imortal é o dia santo da Nação

As épocas de renascimento e de combate são as do seu domínio. Admirar Camões é admirar não só a bravura e a intrepidez física, mas também a abnegação e a coragem moral. Camões só se admira de pé. Quem na vida anda de rastos não pode divisá-lo sequer. Para amar Camões é necessário amar a Justiça, e contemplar, rosto a rosto, a severa face da História que nos acusa, com a alma forte de quem, para se redimir, se põe a caminho do futuro, na serena consciência do dever.

Os Migueis de Vasconcelos não podem compreender os *Lusíadas*; nem em 1580, nem em 1807 nem em 1915, os soberam ler.

Essa epopeia é, para êles, um epitáfio, e é para nós uma divisa sidéria.

Ela é um clarão perene e eterno. Afasta as feras e as aves sinistras. Brilha como a aurora e resplende como a esperança. A luz que inunda 1640, 1820 e 1910 é a sua luz transfiguradora. Não há alma que não acorde, espírito que não levante, corpo que não fortaleça. Tôdas as corças cívicas a têm por auréola. Desde o século XVI é o nosso Capitólio de fogo libertador.

Camões e Nun'Álvares erguem-se, na radiante constelação do nosso épico passado, com o fulgor de sóis. O génio, que é imortal, e torna imorredouro tudo o que é tocado do seu divino esplendor, tem dois polos em que se encontra, dois aspectos em que deslumbra — o génio do pensamento e o génio da acção. Aljubarrota e os *Lusíadas* são dois maravilhosos actos de fé transfiguradora — o amor da Pátria exaltado e sublimado encarnando numa suprema missão religiosa.

Mas Camões é o Poeta e o Soldado, que varonilmente vive combatendo e morre amando...

Nenhum povo possui como nós um poema verdadeiramente nacional.

Nele se define como única a nossa grandeza, e se afirma, inconfundível, o nosso valor; é um padrão impercível.

Nele se fixa a nossa língua, tão forte e enternecida, tão doce e severa — o grito e a melodia, a meditação e o arrebato, a imprecação e o pranto — maleável como um barro e resistente como um bronze, sã, activa, serena, clara e harmoniosa, língua admirável em que canta a idílica suavidade dos campos e brame a épica cólera do mar, nela fundidas, num momento genésico e profundo, a contente alegria e a paz dos nossos lares e a melancolia nostálgica das solidões longínquas da África, da América e da Ásia — a língua de Portugal, tão formosa e rica, língua expressiva, enérgica e vibrante de guerreiros, nautas e lavradores.

Salvos do naufrágio, os *Lusíadas* são como a Arca da Aliança dos portugueses,

o penhor sacrossanto da união de Portugal e do Destino. Lendo-os, cremos no futuro; a fé acorda sempre em nós o glorioso sonho de uma nova era de ressurgimento.

Pressentindo êsse ressurgimento, se fez a República; e, perante a Grande Guerra, o pleito em que tantas nações afirmaram o seu direito de existência, acordou todo o Portugal.

Não poderia Portugal falar mais alto e claro. Guiavam-no o génio, o carácter, o heroísmo.

E então, desde o Parlamento às Associações, desde o campo à oficina, desde as academias aos quartéis, na praça pública e nos lares, todos os partidos, tôdas as classes sociais se reuniram em unanimidade à decisão augusta — a decisão de viver.

A Pátria vive!

Que a acção dignificante a todos nos erga na peleja que vier bater à nossa porta! E que a nossa terra seja limpa e puro o ar que respiramos; que não possa dizer-se que em Portugal há traidores, nem possa suspeitar-se que entre nós haja cobardes.

E como em 1640, e como em 1808, e como em tôdas as horas de perigo e de combate, ergamos bem alto os *Lusíadas*!

As suas estrofas são estrofas da Bíblia sacrossanta da Pátria.

A epopeia sobrenada e flutua — Arca de Aliança — sobre tôdas as tempestades e cataclismos, como um sinal de esperança e de resgate.

A Pátria honra Camões, e a cidade de Lisboa o celebra como o Maior de Todos — o Poeta do Amor e do Heroísmo — num culto levantador, viril e nobre.

Camões representa um épico passado que temos de continuar.

Para tal fim, nesse culto devem solidarizar-se todos os portugueses que sintam o orgulho do nome de Portugal.

Sorrindo, há scépticos dizendo que queremos adorar São Camões.

São Camões? Pois seja!

Tôdas as desventuras — a calúnia, a prisão, o naufrágio, o abandono e a fome — tudo sofreu; as dores físicas e as torturas morais, a miséria, o sacrifício do



Luís de Camões

orgulho, as inenarráveis ansias e as profundas agonias santificaram o seu génio.

Invoquemos pois Camões, na assombrosa hora que decorre:

Camões! Glorioso Padroeiro de Portugal, ungi-do pelo amor, pela desgraça e pela glória, que nos inspire a decisão dos teus actos, a energia das tuas cóleras, a candura da tua crença, a bravura das tuas lutas, a abnegação do teu desinteresse, o estoicismo da tua pobreza!

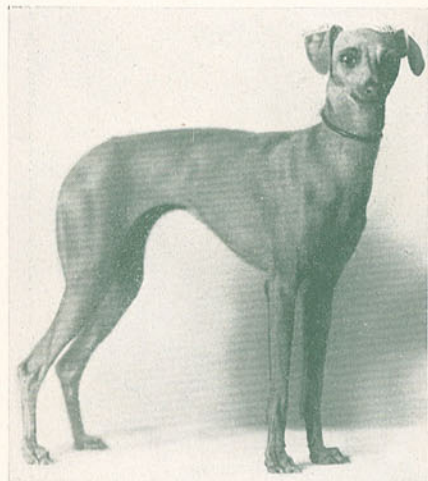
Camões! comunica-nos, sagrada, a tua fé patriótica, ilumina o nosso rumo, levanta o nosso vacilante espírito, alarga o nosso pequeno coração, exalta o nosso sangue e os nossos nervos, incendeia o nosso céu; dá-nos almas de herói e corpos de soldado, e, na hora final e derradeira — inabalável, consoladora, religiosa, a suprema coragem de bem morrer.

LOPES D'OLIVEIRA

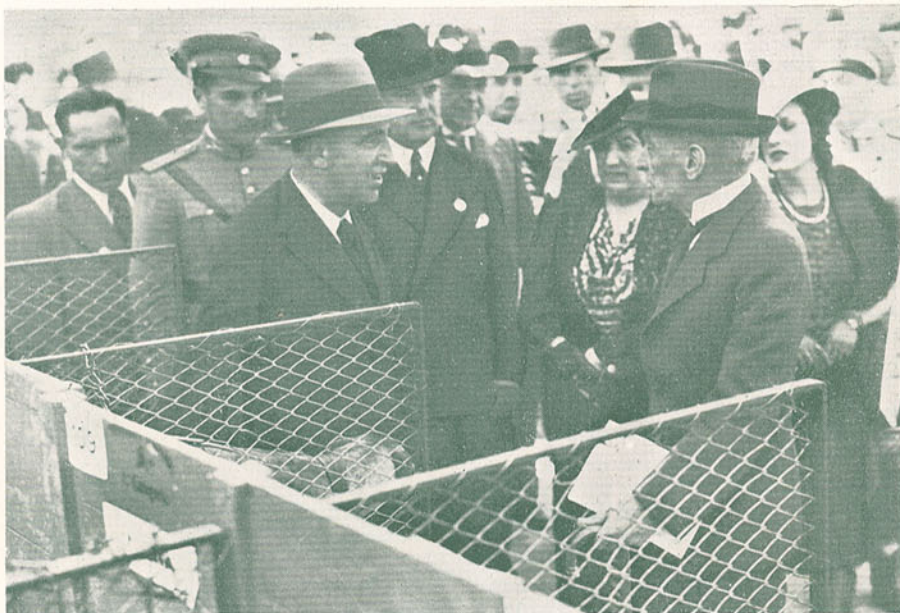


Oceano de Glória — Composição de Roque Gameiro

10.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DE LISBOA



Koukla de Sitte-en-Guette — 1.ª categoria, C. A. C. Taça da Raça e Taça melhor cão de luxo. Propriedade do sr. Engenheiro Alvaro dos Santos Lima



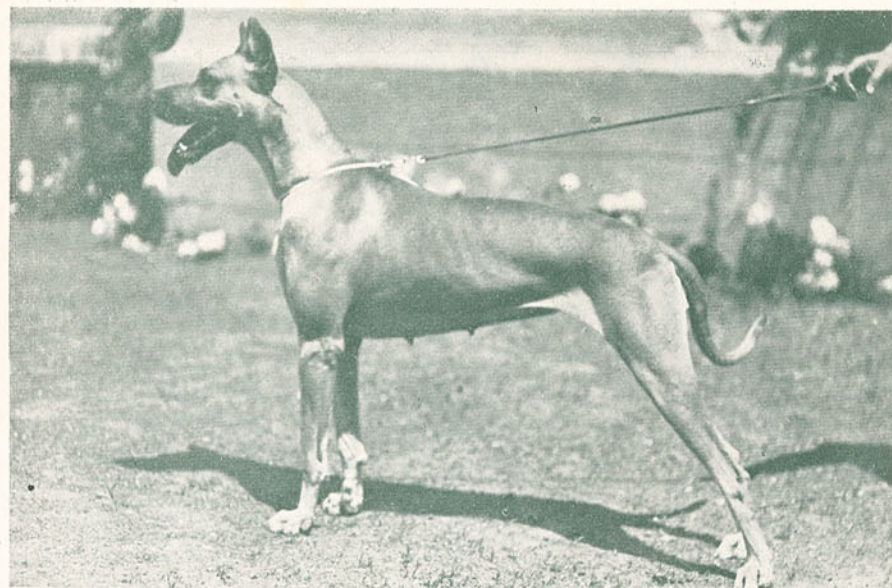
O sr. Presidente da República, acompanhado de sua Espôsa, ouvindo as explicações do sr. dr. Frederico Pinto Soares, secretário geral da Exposição que constituiu um dos mais sugestivos acontecimentos da quinzena



Leão — 1.ª categoria, C. A. C., Prémio da Raça, Taça da Raça, Taça melhor cão de utilidade nacional, Taça do Ministério da Agricultura, Taça Sociedade Protectora dos Animais, Taça «Vasco Bensaude» e Salva Sociedade Portuguesa de Canicultura. Propriedade do sr. Philippe Bensaude



Campeão Confidential of Ware — 1.ª categoria, Prémio da Raça, C. A. C., C. A. C. I. B., Taça melhor cocker importado, Taça melhor cão de caça e Taça Clube dos Caçadores Portugueses, O melhor exemplar da Exposição entre todas as raças. Propriedade do sr. Fernando Espírito Santo Moniz Galvão



Campeão Wyrksop Flair (campeão inglês e português) — 1.ª categoria, Prémio da Raça, C. A. C., C. A. C. I. B., Taça melhor Terrier importado e Taça melhor Terrier de Caça. Propriedade do sr. Reinaldo Pinto Basto. — *A' esquerda*: **Campeão Jandaya de Lisboa** — 1.ª categoria, Prémio da Raça, C. A. C., C. C. N., C. A. C. I. B., Taça melhor «Cão Alemão» nascido em Portugal, Taça melhor exemplar de utilidade estrangeira e Taça Of Junqueira. O melhor exemplar do sexo diferente ao do melhor da Exposição entre todas as raças. Propriedade do sr. Luís Brandão

A HISTORIA GRAVADA NAS ROCHAS



A face de Lincoln — À direita: O monte Rushmore, vendo Washington, Jefferson, Roosevelt em início e Lincoln



Na rocha granítica do Monte Rushmore, que faz parte das Montanhas Negras da Dakota Meridional, está o grande artista americano Gutzon Borglum esculpindo as cabeças de George Washington, um dos fundadores, o general em chefe e o 1.º Presidente da República Norte-Americana (1788-1793), de Thomas Jefferson, principal autor dos direitos da independência e 3.º Presidente (1801-1809), de Abraão Lincoln, 16.º Presidente (1861-1863), abolicionista que triunfou na Guerra Secessionista e morreu assassinado, de Teodoro Roosevelt, 26.º Presidente (1901-1909), grande democrata, inimigo dos "trusts" e propagandista

do acôrdo entre direitos de brancos e negros.

Esta obra grandiosa, assistida pelo National Park Service, inicia-se pela apresentação dos quatro referidos bustos que devem estar concluídos em breves anos,

importando em cêrca de 13.320 contos na nossa moeda.

Planeia-se de, ir acrescentando sucessivamente esta coleção com as figuras dos que bem serviram ou servirem a União, convertendo a montanha numa muralha de Glória, numa galeria de Patriotas.

Washington, Jefferson, Roosevelt (em início) e Abraão Lincoln

S. O. S.





Pirâmide geodésica central do País em Vila de Rei

A monografia de Vila de Rei, infelizmente, está ainda por fazer.

Nenhum dos seus filhos, até hoje, se abalçou a tomar a seu cargo tão espinhoso empreendimento. E não será por que dentre eles não tenha havido alguns que pelo seu grau de cultura, inteligência e dotes de trabalho, se não houvesse de desempenhar cabalmente dessa missão.

Só a uma indiferença incompreensível de certas entidades e, sobretudo, dos poderes administrativos do município se pode atribuir tão imperdoável falta.

Ao compulsarmos na Biblioteca Nacional os *Subsídios para a Bibliografia da História local* notamos que a maioria das povoações portuguesas, algumas de somenos importância, teve o seu cronista. E se desejamos, como é óbvio, tomar conhecimento de alguns episódios históricos, passados no referido concelho, temos de nos reportar às monografias dos concelhos limítrofes, tais como à da Sertã,



Paisagem do Zézere;

do Padre António Lourenço Farinha; à de Oleiros, do bispo de Angra, Amaral Pimentel; à de Ferreira do Zézere, de António Baião, etc., as quais, no decorrer de algumas narrações de factos, se referem a pessoas e assuntos passados em Vila de Rei nos tempos idos.

Bem sabemos que a elaboração de uma tal obra exige um enorme dispêndio de trabalho na investigação de documentos, em grande parte manuscritos, na sua interpretação e correlação, mas com um pouco de boa vontade e carinho pela terra natal tudo se pode conseguir uma vez que a gerência municipal concorra também com a sua protecção.

Mas não é apenas a série de episódios históricos, que nesse concelho se desenrolaram, através de séculos, que hoje interessa a seus naturais conhecer pormenorizadamente e divulgar. A descrição topográfica do terreno ondulado recoberto, na maior parte, do verde escuro dos pinhais com a sua constelação de quasi uma centena de aldeias, as ravinas abruptas, donde brotam, murmurando, fios de água finíssima que semelham cristais, os costumes tradicionais do seu povo, as suas vestes, as suas canções, a sua crença imutável, etc., tudo isso daria substância suficiente para a composição de uma obra deveras interessante, que serviria para dar a conhecer Vila de Rei, ainda tão ignorada no nosso país.

Esta, com efeito, fica localizada, sensivelmente, no centro do torrão nacional, porquanto as diagonais do paralelogramo que o representa se cortam apenas a cerca de 3 quilómetros ao norte, na serra de Melriça, definindo o ponto central ali existente o qual ainda modernamente serviu de base a um sistema de coordenadas empregues na construção de cartas geográficas.

Muito próximo desse ponto, no cume da referida elevação, encontra-se uma pirâmide geodésica tetragonal com perto de 8 metros de altura, construída no ano de 1803 para os estudos de triangulação do país. O panorama que junto dela se disfruta é magnificente.

Vila de Rei é, portanto, a vila mais

VILA DE REI — A ESQUECIDA

e o que poderá ser

O que foi, o que é,

central do país; pena é que viva ainda num lamentável estado de atraso de progresso, devido à falta de vias de comunicação com o exterior.

É sede de concelho e pertence à comarca da Sertã e ao distrito de Castelo Branco.

Nada se sabe de positivo a respeito da época da sua fundação, mas é natural supor que já existisse quando da dominação dos Césares na Península, atendendo ao aparecimento de algumas moedas romanas nas suas proximidades e a existência de uma faixa de estrada caçada, e saída da Vila, em direcção ao Oeste, à qual, pelas suas características, em tudo indica ter sido construída pelos soldados da Pompeu. Mas se os vestígios da permanência dos romanos são escassos, e por vezes duvidosos, os da dominação árabe são evidentes e abundam em muitas partes da área concelhia, em galerias subterrâneas, amontoados de seixos roliços e escavações destinadas à pesquisa aurífera.

D. Deniz concedeu-lhe a carta de foral, com data de 19 de Setembro de 1285, registada a folhas 147 no 1.º Livro de *Doações de D. Diniz*, existente nos arquivos da Torre do Tombo, pela qual se verifica que a área do termo de Vila de Rei, naquele tempo, era muito superior à actual, pois tinha os seguintes limites: Ribeira do Codes, Cimo da Bairrada, Cabeça do Carvalho, Carvalhal, Escusa (Quinta Escondida?) de Pedro Ferreira, Carril, Cume entre Aguas Belas e Ferreira, Ribeira da Cabreira até à sua foz, rio Zézere, Tamalha ou Tamolha, Ribeira da Isna, ponte do Caminho da Amêndoa para a Sertã, Cimo do Vale de Vacas e novamente Ribeira do Codes até à sua foz.

A área actual abrange somente os terrenos compreendidos, dentro dos referidos limites na margem esquerda do Zézere, pertencendo os da margem direita ao concelho de Ferreira do Zézere.

D. Deniz determinou também um documento, datado de 11 de Junho de 1321 e registado a folhas 138 no III livro de *Doações*, que Vila de Rei, conjuntamente com Ferreira do Zézere, constituíssem uma *Comenda*. De facto essa *Comenda* organizou-se e chegou a adquirir notável importância.

É de tradição popular que o referido soberano com sua esposa, a rainha Santa Izabel, e respectiva comitiva pernoveram em Vila de Rei, protegidos pela copadum enorme freixo existente no largo da Deveza, quando na sua passagem para o Porto, onde a rainha tinha por missão apaziguar o marido e filho, há muitos desavindos.

Na realidade, o braço de armas desta vila parece aludir a este episódio, simbolizando no seu desenho um céu estrelado com a lua em quarto minguante, a decar do ocidente, e o respectivo freixo.

Segundo o *Dicionário de Portugal*, a mesma vila teve diversos senhores; primeiramente foi da Corôa, até 1306, data em que D. Deniz e a rainha Santa Izabel a doaram, bem como a vila de Ferreira do Zézere, aos cavaleiros da Ordem do Templo, cedendo estes para a Corôa a Lezíria dos Freires, junto de Santarem, a portagem de Coimbra e o Padroado da igreja de S. Tiago de Trancoso, declarando que se dava o temporal pelo temporal e o espiritual pelo espiritual. Extinta a Ordem do Templo e passando todos os seus bens e rendimentos para património da Ordem de Cristo, sua sucessora, para ela passou também esta vila. Depois reverteu o Padroado para a Corôa onde passou à Casa do Infantado, conservando, porém, aqui a Ordem de Cristo uma Comenda.

Também foi da apresentação dos condes de Arcos de Vale-de-Vez.

Na Corografia Portuguesa do Padre A. C. Costa, lê-se que esta vila em 1712 era da comarca de Tomar, tinha 460 fogos, Casa de Misericórdia, Hospital e três capelas; era vigairaria do Padroado Real e Comenda da Ordem de Cristo; tinha 2 Juizes Ordinários, 3 vereadores, 1 procurador de concelho, 1 escrivão de câmara e orfãos, 2 tabeliães, 1 juiz de orfãos, 1 companhia de ordenanças e 1 capitão-mór.

A vila pertenceu eclesiasticamente à diocese da Guarda, depois à de Castelo Branco e desde 1882, data da última circunscrição diocesana, que suprimiu, além de outros, o bispado de Elvas e Castelo Branco, passou para a de Portalegre.

Segundo o supracitado dicionário, D. Manuel I concedeu-lhe novo foral em 1 de Outubro de 1513, conforme se verifica a folhas 214, V., col. 29, do Livro de Forais novos da Estremadura.

Desde a segunda metade do século XVIII até 1834 que foram alcaides-mores e comandadores de Vila de Rei os Pachecos Pereiras, do Porto, por escambo feito com a Corôa, em virtude da qual cederam a este julgado a alfândega daquela cidade que era desde tempos remotos propriedade deles. Esta alcaidaria-mór leva a presumir que a vila foi outrora fortificada ou teve algum castelo.

A vila e o concelho sofreram muito nos princípios do século passado, por ocasião da Guerra Peninsular.

Segundo informa Pinho Leal no seu *Dicionário de Portugal, Antigo e Moderno*, edição de 1886, Junot, em 1807, na sua marcha sobre Lisboa por Abrantes, efectuou por ali a passagem das suas tropas. Em 1810 e 1811, Wellington, com as suas tropas fez também por ali a sua passagem afim de constituir barreira ao exército de Massena. Tanto as tropas francesas como as inglesas saquearam e incendiaram muitas povoações nas circunvizinhanças do seu acampamento, não

poupando este concelho e os limítrofes. Ainda esta vila foi bastante açoitada pela passagem dos correios de Massena. Os habitantes da vila abandonaram-na completamente e, quando depois da retirada de Massena, regressaram, encontraram a maior parte das casas reduzidas a cinzas e todos os seus haveres roubados e perdidos.

Devemos, porém, honrar a memória da figura simpática de João Soares da Cunha Pessoa de Macedo, capitão-mór que foi de Vila de Rei, que segundo informação do bispo de Angra, Amaral Pimentel, nas suas *Memórias de Oleiros*, se tornou célebre não só pelas suas riquezas como também por grandeza de alma e notáveis dotes de patriotismo revelado naquela guerra. Sendo-lhe concedido o comando das capitánias-mores adjacentes, pôs em pé de guerra grandes massas de gente, disciplinadas segundo as instruções de Wellington e Beresford os quais fizeram demorados quartéis gerais em sua casa de Vila de Rei que para aquele fim generosamente lhes oferecia.

Além disto era muito estimado dos povos porque os tratava com a maior humanidade e amor.

Ainda vivia em 1830, ano em que obteve a sua reforma, que a idade e as moléstias obrigaram a pedir. De todos os seus irmãos apenas deixou descendência: D. Mariana Clara Pessoa de Meceado que casou com seu primo, Pedro Salgado da Fonseca, de Vila de Rei; sendo seu primogénito José da Fonseca Salgado Macedo e Cunha, capitão que foi da 6.ª Companhia do Regimento de Milícias de Castelo Branco, o qual fez parte, também, da Guerra Peninsular, onde arruinou a saúde e começou a ruína da sua casa. Foi depois sargento-mór e por último proposto capitão-mór da vila, por ocasião da reforma de seu tio materno, João Soares da Cunha Pessoa de Macedo, cargo que serviu até à instalação do governo constitucional. Morreu solteiro em Vila de Rei em 23 de Agosto de 1861.

Pelo que acabamos de ver, só começamos a ter elementos de informação



Encantos do Zézere

sobre a monografia de Vila de Rei a partir do reinado de D. Deniz, pôsto que seja natural admitir a existência de documentos anteriores, existentes nos arquivos, que nos possam desvendar alguns factos realizados em época precedente.

O concelho de Vila de Rei foi extinto por decreto de 7 de Setembro de 1895, mas foi restaurado pelo de 13 de Janeiro de 1898, com todas as três freguesias que o constituíam.

O atraso de progresso em que se encontra a vila e o concelho é, sobretudo devido à falta de vias e comunicação.

Em Março de 1885 deu entrada no Ministério das Obras Públicas um requerimento de T. M. Johnson, pedindo a concessão para uma linha férrea, de via larga, a partir de Abrantes, margem direita do Tejo, por Sardoal, Vila de Rei, Sertã, Arganil, Tábua, Carregal, Tondela, Viseu, Castro Daire, Arouca, Gaião, no concelho de Feira, Gaia, com um ramal que, partindo de Castro Daire, vai entroncar com o caminho de ferro do Douro.

O projecto não teve execução até à data mas é natural admitir que, embora modificado, venha um dia a ter realização.

Quando isso suceder e for rasgada a rede de estradas, há tanto tempo projectada, Vila de Rei poderá oferecer aos turistas um dos pontos mais interessantes da paisagem portuguesa e contribuir com os produtos do seu solo assás fértil para o desenvolvimento da economia nacional e melhoramentos de condições sociais do seu povo honrado, pacífico e extremamente trabalhador.

ISIDRO ANTÓNIO GAYO



Vila de Rei

O GRANDE AMOR

Não foi para falar dêsse grande amor que Nicodemi cantou na sua peça do mesmo título, representada, ali no Politeama, por Aura Abranches com grande verdade, que me resolvi a dar esta designação á minha crónica de hoje.

Reconheço, por experiência própria — experiência feita de esperanças, carinhos e torturas — reconheço que o amor de mãe é o maior, o mais consistente, o mais avassalador dos amores terrenos, quando as sementes dêsse amor cáem em corações propícios a acolhê-las com a ternura e o cuidado que merecem.

E digo isto, porque infelizmente todos nós sabemos que por êsse mundo há mães que só o são por imposição dum acto fisiológico, mas que engeitam êsse nome divino pelo seu procedimento moral, para com as pobres e inocentes crianças que tiveram a má sorte de nascerem do seu ventre maldito.

Graças a Deus que as excepções aqui só servem para confirmar a regra de que as mães são as mulheres ideais, entre todas as mulheres, porque só elas sabem compreender o amor em todas as suas fazes mais sublimes.

Esse grande amor que me impeliu a escrever estas notas é outro maior ainda, e que sintetisa em si todos os carinhos, respeitos e atenções de que é capaz o coração humano — desprezando as excepções indesejáveis — e êsse amor que vem hoje florir a minha pena é o amor da pátria.

E foi uma criança que me levou a escrever sobre êsse sentimento que domina ou, pelo menos, deve dominar a nossa alma até ao sacrifício da própria vida.

Foi o caso que assistindo eu á projecção da *Espia bailarina*, no São Luís, em companhia duma miuda muito interessante e apreciadora convicta de cinema, vi a minha amiguinha admirada, quasi indignada, por um oficial francês mandar prender a espanhola que fazia espionagem para servir a sua pátria, contra os exércitos e a manobra envolvente de Napoleão, que queria então governar o mundo, apesar de lhe fazer a côrte.

O meu coração compreendia bem a indignação e o espanto da pequena.

Realmente, porque foi que gostando tanto dela, amando-a até á loucura, um outro oficial de patente inferior forneceu informações contra a espia castelhana, que ajudaram á sua prisão que seria seguida de fuzilamento?!

O meu coração ou, por outra a minha sensibilidade estava com a criança, nos seus sentimentos de desagrado por tal criação, mas leva outra razão mais forte, o amor da pátria, desculpava os oficiais do lado inimigo, um dos quais, o mais apaixonado, era espião também pelo seu

país, e sosseguei a minha amiguinha, dizendo-lhe:

— “Não tens razão, na tua censura. Olha, minha filha, há uma coisa dentro de nós que se opõe a todas as paixões — o cumprimento do dever, ditado pelo amor pátrio!

“E um militar deve defender a sua pátria contra tudo e contra todos, e soldados ou paisanos, os homens, mesmo contra a mulher cubiçada ou amada com paixão, têm que pôr os interesses do seu torrão natal acima de tudo.

A Fernanda — assim se chama a miuda compassiva — olhava-me espantada, com os olhos ainda rasos de água, e eu continuei:

— “E, vê lá tu, êsse amor pela nossa pátria leva-nos a todos os heroísmos e a todos os sacrifícios.

“O primeiro oficial não sofreu nada com o seu gesto, porque êle apenas cubiçava a bailarina, e isso não é amor.

“Mais tarde, quando fôres uma mulherzinha, compreenderás esta diferença. O outro sim, fez uma acção sublime, sacrificou o seu sonho de ventura com a mulher amada. E que havia êle de fazer? Era duas vezes patriota, como homem e como militar.

“Ah! minha pequenina, o dever é duro, mas, cumprido êle, é um prazer. E, quando se lhe mistura a dôr dum bem perdido, êsse prazer é maior ainda e mais durável.

“E, tu viste, êle e ela eram espiões os dois. Mas ambos dignos da estima e do respeito dos próprios inimigos, porque trabalhavam pelo seu país, embora, pela lei marcial, a parte contrária os condenasse á morte.

“Agora, servir o inimigo da sua terrinha, é o maior crime que alguém pode cometer, e quem o faz deve ser apontado com desprezo e desprezado é até pelos próprios a quem serve, que lhe atiram com o óbulo da recompensa, de longe, como a cão tihoso, e logo lhe voltam as costas.”

A fita continuava, e a minha linda Nandinha, é assim que eu a trato, já mais sos-



segada e convencida pelas minhas razões, seguia, disposta a tudo suportar, o conflito empolgante.

Mas, há um Deus para os namorados e para as almas sensíveis, a coisa acabou a favor dos espanhóis, o apaixonado foi ferido, depois curado e perdoado, e os dois espiões, espanhola e francês, puderam realizar o seu sonho mais querido, sem remorsos, de consciência tranquila, porque ambos estavam resolvidos a tudo dar em holocausto ao amor da pátria — o grande amor.

O grande Fenelon dizia: “Amo a minha família mais que a mim mesmo, amo a minha pátria mais que a minha família, e amo a humanidade mais que a pátria.”

Compreende-se a abnegação do illustre escritor francês que, se vivesse nos tempos que vão correndo, teria omitido a última parte da sua máxima.

A Pátria acima de tudo! Que o nosso lar não cause prejuízos aos lares que o rodeiam, bem está, mas devemos defender sempre a sua integridade e conforto.

E que todos façam o mesmo.

MERCEDES BLASCO.

NOTÍCIAS

DA

QUINZENA

O sr. Presidente da República, com os srs. ministro da Marinha e almirante Ramos da Costa, presidindo à sessão comemorativa do 90.º aniversário da "Revista Militar". — AO CENTRO: Um aspecto do almôço oferecido à Imprensa Portuguesa e Estrangeira no Palácio Hotel do Estoril e em que se patenteou a alta consideração que Portugal gosa no estrangeiro



O sr. Presidente da República, acompanhado pelo sr. ministro da Educação Nacional, visitando a exposição de caricaturas de Arnaldo Ressano na Sociedade Nacional de Belas Artes. Esta exposição constituiu um acontecimento artístico. — A' DIREITA: O prof. Leo Frobenius, sábio explorador que há dias visitou Lisboa. A gravura acima mostra-o com o sr. ministro da Alemanha a bordo do "General Osorio", momentos antes de desembarcar



Motivo decorativo da mortalha de D. Denis (Desenho do ilustrador Diogo de Macedo)

A abertura do túmulo de D. Denis constituiu um acontecimento de tal importância, que os sábios arqueólogos não se calarão tão depressa. Verificou-se que o esqueleto se encontra bem conservado e que a própria caveira, apresentando todos os seus dentes, cujo esmalte resistiu à acção destruidora de seis séculos, ainda ostenta aquela formosa barba ruiva que foi o enlevo das jóvens do seu tempo...

Ay madre mórro de amor!

A mortalha, em brocado cor de teijolo, apresenta largas barras que se revezam em verde-escuro e laranja arruivada, com uma pomba e uma alcaçofra, e assim sucessivamente. Sobre o peito do Rei Lavrador encontra-se uma espécie de cabeção com as mesmas barras e as mesmas cores, e tão bem conservado que poderia figurar numa vitrina de museu.

O corpo, depois de amortalhado, foi ligado com uma fita de seda azul escuro,

de centímetro e meio de largura e dois milímetros de espessura, enfeitada com uns ornatos de metal que muito se assemelham aos actuais botões usados nos peitinhos das camisas.

Por agora, é o que podemos dizer.

Quando é que se procede ao minucioso exame dos despojos mortais de D. Denis, à semelhança do que se fez há anos com o túmulo de sua esposa Santa Isabel?

Vem a propósito lembrar o valiosíssimo estudo que o ilustre professor dr. António de Vasconcelos elaborou sobre *D. Isabel de Aragão, rainha de Portugal*, afirmando ter assistido já por três vezes à abertura do túmulo desta gloriosa soberana.

Nessa altura, tudo foi feito com o mais rigoroso método, tendo sido inventariado o preciso espólio com o maior escrúpulo.

Salienta o ilustre sábio que, aproveitando um conjunto de circunstâncias felizes que se deram na primeira das vezes que o túmulo foi aberto, tivera oportunidade para, devidamente autorizado, tomar a medida à altura do santo corpo, ver e observar detidamente o rosto, a mão direita e os pés descalços da veneranda múmia, e até, descobrindo-lhe a cabeça, cortar alguns cabelos, que conserva no seu oratório, encerrados num relicário de prata e cristal.

Diz ainda o erudito professor que, com os elementos resultantes da sua observação pessoal, e com os colhidos na *Lenda*, escrita por pessoa que conheceu de perto a Rainha-Santa e com ela conviveu, está habilitado a afirmar com segurança o seguinte:

A Rainha Santa Isabel foi "de estatura superior à normal, pois tinha 1,76 de altura... era robusta, cheia, formosa de rosto, cabelos louros enquanto nova, os quais depois se tornaram castanhos, e não chegaram a embranquecer com a

DE ODIVELAS A COIMBRA

Relíquias do belo tempo da Saúde A barba ruiva de D. Deniz e os cabelos loiros de Santa Isabel

idade, pois ao morrer ainda não tinha cabelos.

É ainda o ilustre professor dr. António de Vasconcelos que nos diz:

"D. Denis faleceu em Santarém, nos braços da santa rainha sua esposa, a 7 de Janeiro de 1325. Imediatamente ela mandou cortar a sua bela cabeleira, vestiu o hábito pardo das claristas, apertou-o com o cordão nodoso de S. Francisco à cinta, cobriu as faces e mento com a *barbeta* de viúva, e, envolvendo a cabeça na *guimpa*, cuja parte inferior se estendia



A Rainha Santa Isabel, segundo uma estampa de 1621

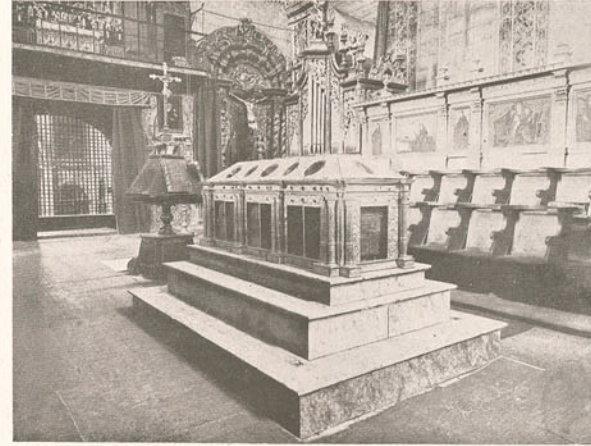
sobre o peito, colocou por cima o véu, tudo isto de linho branco.

E o ilustre sábio elucida mais amplamente:

"Observa-se este traje, figurado com toda a precisão, na estátua jacente do túmulo para si mandado esculpir pela santa rainha, depois de viúva. Nota-se nele porém a anomalia de se achar pintado de preto o véu, como o usavam as freiras professoras; deve entretanto saber-se que essa pintura é muito posterior, suggestionada pelas religiosas claristas, que se esforçavam por fazer valer a pia-fraude, que apontava D. Isabel como pertencendo ao número das freiras professoras do seu convento. Ainda hoje é corrente em Coimbra, depois de formais desmentidos baseados nos documentos a suposição de que a Rainha Santa foi *freira do convento de Santa Clara*. Uma tela do princípio do século XVIII, existente no templo da Rainha Santa em Coimbra, consagra como histórico o facto legen-

dário, aliás contraditado pela própria D. Isabel, de haver esta recebido a tonsura e o hábito franciscano das mãos de um frade menor.

E mostra, por fim, que, "cinco dias antes da morte de seu marido, tinha a



O actual túmulo de prata e cristal que encerra os restos mortais de Santa Isabel

santa rainha mandado escrever e selar com o seu selo maior e solene, o *selo dos camafseus*, um documento em latim, no qual afirmou o propósito em que estava de assim se vestir, sem se sujeitar a regra ou Ordem alguma.

O estudo feito no túmulo de Santa Isabel veio esclarecer muitos pontos que os velhos cronistas omitiram ou erraram por ouvir dizer.

Porque não se faz o mesmo com o malparado túmulo de D. Deniz?

E depois do minucioso exame que autênticos peritos realizariam, o vetusto mausoléu passaria a ser alvo do culto de todos os bons portugueses, como o é, e há-de continuar a ser, o túmulo de D. Afonso Henriques na igreja de Santa Cruz de Coimbra.

É que se, para todos os portugueses, o túmulo do glorioso fundador da nossa independência representa a sacratíssima do mais acendrado amor patriótico, o túmulo de D. Deniz deve merecer o nosso culto, pois nele jaz o grande rei que fundou a primeira Universidade em Portugal, elevando-o à categoria de nação civilizada e digna de figurar entre as mais adiantadas de todo o Mundo.

Não deve, pois, ser desprezado o tú-

mulo de D. Deniz, apesar das terríveis mutilações que tem sofrido.

Diz uma velha lenda que "sempre que estava para acontecer alguma desgraça à nossa Pátria, se ouviam saír do túmulo de D. Afonso Henriques, em Santa Cruz de Coimbra, gritos cavernosos que mais pareciam gritos de leão... Contava também a lenda que "a espada e o escudo que o nosso primeiro rei usara em vida, e que se encontravam em grande veneração junto do altar-mor, se desprendiam e caíam ao chão com grande estrondo, como envergonhados de que não houvesse um braço forte que pudesse brandi-los.."

Seja o túmulo do fundador da nossa



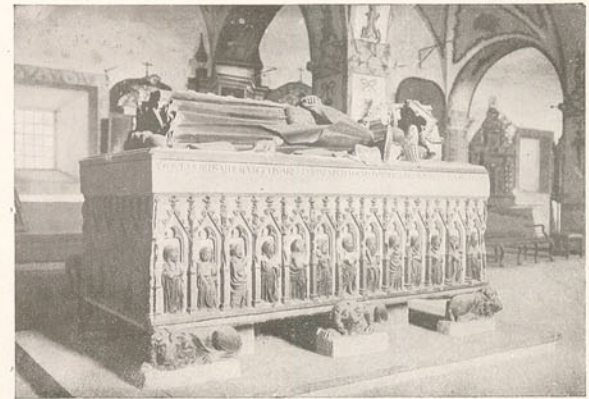
Relíquia do cabelo da Rainha Santa Isabel

A êle se deve uma nova era de civilização. Graças aos seus dotes naturais, que uma esmerada educação mais intensificara, D. Deniz começou por enfrentar problemas fundamentais como o do fomento da agricultura, comércio e indústria, dando igualmente largo desenvolvimento à cultura literária e artística. Procedeu à reforma da administração da justiça, à fortificação e defesa do País para garantia da paz.

Ao período semi-bárbaro das conquistas, sucedera o período da cultura do espírito e seu engrandecimento.

Se todos os portugueses, ao darem-se em holocausto pela Pátria, pensam em D. Afonso Henriques, que foi o máximo expoente do amor pátrio, todos os que estudam e pretendem, dia a dia, cultivar mais e mais o seu espírito, devem ter sempre em mente a grandiosa figura de D. Deniz.

Organizem-se romagens ao seu túmulo, mas depois dêste ter sido posto a bom recato, e após o indispensável estudo que tão precioso será às gerações vindouras.



Mausoléu que a Rainha mandou, em vida, lavrar e está no cimo baixo de Santa Clara-a-Nova

O antigo túmulo da Rainha Santa Isabel, padroeira de Coimbra



Estátua de Giovanni Pisano, por Salviati

cido dos corsários. Daquele inferno antigo de paludismos, desbotador das carnes dos pisanos, nasceu um jardim e um pomar, por regalo de quem anda por estas terras, com vagares da vida, a ouvir, a ver, a cheirar e a gostar, e portanto, a confrontar e a ler os letrados de Mussolini.

Desta vez vim a Pisa para me transportar ao distante, assistindo ao histórico *Giucco del Ponte*, festa de tradição que escapou às argúias brejeiras dum descobridor recente das reconstruções alicinhas, tão copiadas — Santo Deus! — nas demais partes do Mundo. Não vim, portanto, para repetir os solavancos da minha sensibilidade com as visões do Campo Santo, nem do Campanilo inclinado, nem do Museu Cívico e doutras maravilhas que em deliciosos dias de cuidados, me iam dando cabo da alma, esmiuçando tudo o melhor possível, como rato caído em celeiro, do qual não quer deixar um grão para amostra. De resto, os compêndios de Arte trazem descrições desses monumentos, tím-tim por tím-tim, tendo já tudo sido cantado pelos poetas, reproduzido nos albums dos pintores e nos postais, continuando, embora a ser mal explicado e em várias línguas, pelos guias das caravanas gos moinantes do turismo, impinjindo gato por lebre e massa-pão por mármore de Carrara, em caricatas reproduções daquelas obras eternas.

Pisa, portanto, não precisa de mais elogios nem das minhas exclamações. A Torre, o Baptistério, a Sé, o Palácio dos Cavaleiros, os púlpitos dos irmãos Pisanos, o quadro de Alvaro Pires, as mil e uma belezas da cidade, andam na ciência dos anotadores da estética e no coração dos vagamundos como eu, que só pelos frescos atribuídos a Orcagna e pelos autênticos de Gózzoli, do mais belo campo-santo de Itália, cujas terras vieram

A nobilíssima e belicosa cidade de Pisa tinha, ao seu redor, muitos hectares de terreno pantanoso, insalubre e perdido, segundo me contou um velhote que há trinta anos vivia em Buenos-Aires, e agora voltou ao torrão natal, para se curar, em Montecatini, de males contraídos no melindroso figado. Pelas lágrimas dos olhos do meu informador comovido, acreditei nessa verdade, que até parecia mentira. Basta dizer que hoje ao atravessarem-se as campinas circunvizinhas deste burgo, se topam serras e olivedos abundantes, que a mão humana transformou milagrosamente, não falando dos pinhais cerrados e suspensos nas extensas dunas que vão até Livorno, conquistadas ao mar, outrora espalhado até aos pés de Pisa, onde houve um poderoso porto muito conhe-

IMPRESSÕES DE ITÁLIA

O "JÔGO DA PONTE NA CIDADE DE PISA

de Jerusalem, dão de bom grado dez anos de vida em troca de dez dias na sua contemplação. Para admirar Pisa em sossêgo, até os tormentos do Conde Ugolino seriam doces, mesmo dentro da Torre da Fome.

Mas hoje, repito, não voltei a esta cidade tumular e outrora terrível, senão para ver as festas do *Jôgo da Ponte*, como qualquer forasteiro bacôco, o torneio das lembranças audazes entre gibelinos e guelfos, a reconstituição das liças garbosas doutros tempos, o encontro dos inimigos sobre a ponte *del Mezzo*, que gosei sentadinho no parapeito do muro que ladeia o Arno, cómodamente, regaladamente, entre as sotainas negras duns seminaristas bem educados. Recuei para a Idade-Média, como um fantasma, e vi desfilar na minha frente, animados e vivos, os quadros antigos dos museus, as tapeçarias ricas e as gravuras dos livros de batalhas. Andava o passado desta heróica terra de marinheiros, fradinhos e cavaleiros, conquistadores de domínios e caçadores de piratas, pelas ruas e pelos cais da famosa República, tal e qual como em Siena, no dia do *Pálio*, ou em Florença, no *Jôgo do "Cáccio"*.

Os preparativos da peleja, com gente nobre de cabelos frizados e plebeus lançados à mistura, começaram cedo; e cedo se organizou a procissão, com ordem e pompa, lanças e estandartes, em que figuravam para cima de setecentos comparsas. Encheram-se as vielas quebradiças, as ruas de galeria alpendrada e de passeios duvidosos, os bêcos com

escadinhas e os largos irregulares, espectrais e pitorescos, com perspectivas caprichosas e monumentos enegrecidos; encheram-se os balcões e os telhados, os socalcos e os mirantes dos palácios; apinhou-se a cidade de gente, e em espaço onde coubesse uma alma, estavam pelo menos, seis, apertadas como vimes num feixe. A multidão ansiosa e palradora, que ainda na véspera tomava o fresco nas soleiras das portas ou no campo verde em redor do Baptistério e de encontro às muralhas da cidade, parecia reviver como uma tempestade, na animação nervosa deste espectáculo.

As bandeiras, as colchas e os galhardetes, engalanavam todas as fachadas viradas ao rio. Os Lungarnos estavam ajazezados com luxo, como palanquins reais: — pendões heráldicos, veludos, tapetes e peças de damasco. Havia essas cobertas de seda, que nem altares em missa de gala. Os lírios simbólicos e encarnados; as cruzes de bicos, em estrêla e côr de vinho, da Ordem dos Cavaleiros; as águias negras e bipartidas; os dragões amarelos, os losangos, as rodelas, as cunhas e os basantes, todos os distintivos fidalgos e municipais, gualdrapavam as frontarias, flutuando em mastareus, como velas da nave, bailando nas torres e nos furos sineiros das igrejas, numa mescla de tons ricos, variados e soberbos, onde a fantasia chegou a formar mosaicos com as meias-luas dos turcos e as inscrições árabes, copiadas dos trofeus arquivados no templo de Santo Estêvão. Todas estas côres e estes desenhos

A visita dinda de Sábá ao Ismael — fresco d'Orsi no Museu Cívico de Pisa

O desembarque dos jogadores em Pisa



se aqueciam de vida, no contraste com o enegrecido dos granitos velhos, sob o sol audaz, que dava transparências aos tecidos, esmaltes às flores das arcadas e reflexos fortes nas águas agitadas do Arno. Os vestidos das senhoras e o verde das persianas nos casarios côr de boi ou de palha nova, mais animavam o cromatismo destes cenários. As massas escuras da multidão, eram pintalgadas, aqui e além, com ramilhetes brancos das vestes de linho. A margem direita estava envolvida nas gamas da sombra, enquanto a outra espelhava em oiro, por caprichos do Sol naquela hora, aumentando os efeitos paisagísticos deste grande quadro de policromias ardentes.

Das ruas, dos pátios, das portas, surgiam os grupos de combatentes, chapéados de couraças ou cobertos com os trajos do senhorio ou da confraria. Havia-os fugidos dos painéis de Pisanello, de Simone Martini e de Paolo Uccello. E os Doustellos vivos, S. Jorges de carne e osso, elegantes, efeminados, modelados com génio e chibantes nos seus arnezes, marcavam os pontos brilhantes de cada período em magote. As cabeças muito arranjadas com penteados custosos, eram nalguns desses mariolas, autênticas aparições de museu. Nunca julguei que os homens de agora, adornados por guardaroupa hábeis e por peluqueiros caprichosos, tivessem tal fidelidade nas pare-

cenças com os que serviram de modelos, há séculos, aos artistas que os sublimaram. Recordo-me dum éfebo de Cellini, garboso como um gamo, doirado de luz no fulvo da cabeleira, que nem resplendoroso penteado de Gentile de Fabriano, com o pendão apoiado no cinto da ilharga, que marchava no meio de dois hércules imponentes como colunas, de viseira aberta, a lança a prumo e o passo pesado. Atrás, os cavaleiros do Levante, vestidos de veludo negro ou recamados de brocados com matizes; outros, chapéados de aço reluzente ou moldados em couro cru, pareciam estátuas em movimento, vivificadas, a deslumbrarem a multidão que os saudava. Os quadros antigos andavam na rua, em liberdade e envernizados de fresco. Um Andrea del Castagno, de cimarra curta e barrete bolonhês, em púrpura e prata, com a adaga a flamejar, guiava, isolado, uma feira de arautos e trombeteiros. Dir-se-ia uma tapeçaria a passear-se entre aquela gente agitada e estarecida de espanto.

O cortejo desfilou de ao pé da Torre da Fortaleza. Um dos batalhões havia-se





Estátua de Niccolò Pisano, por Salvino

formado junto da magnífica basílica românica de S. Paulo Ripa d'Arno, e o outro na igreja de Santo Estêvão, onde foram benzidas as bandeiras. Seguindo uns pelas bandas da Porta Nova e da Porta de Lucca, passaram os outros pela Porta do Mar e pela Porta Florentina, até arribarem aos largos que fecham a ponte, a Praça Banchi e a Praça dos Nobres. Cada corporação com os seus estandartes, as suas armas, os seus charameleiros e o maioral respectivo, em alas abertas, com palafreiros e infanções, a massa de madeira grossa em punho e as lanças ao ombro, marcando pela cor dos gibões, sobre um saial dum só pano que lhes cobria a armadura, vieram acampar em conjunto para formarem a procissão. Os comandantes, a cavalo, cercados por homens fortes e com atavios de vistas, formavam um bloco de defesa e de efeito sólido. Novos grupos de legionários, espantosos, diferentes, guiados por pendões largos e distintos, que os tamboreiros dividiam, traziam na retaguarda uma mole de cavaleiros e respectivos escudeiros, fechando o préstito um destacamento de fanfarras e charangas. Parando aqui e além, para com galhardia se mostrarem, deram a volta às ribeiras, pela ponte de Santa Maria de la Spina, demorando a sua passagem mais de duas horas, por entre o povoleu que os aclamava e cobria de flores, excitando-os com ditos para lhes alevantar o brio.

Agora passava um fidalgo, de elmo doirado e peitoral reluzente. Parecia o Graal, iluminado de fogo. Atrás vinha um garoto lindo, de *pourpoint* listado, as mangas golpeadas e um barrete seguro nos caracões, tudo em damasco bordado e lã, levando ao colo a espada damasquinada do Mestre, com a importância dum diácono que levasse a Eucaristia. Sobre uma mula enorme, russa e de arreios escarlates, o rabicho enfeitado com o brasão de embaixador, sustinha-se um gentilhomem, de terciopêlo vestido, todo negro e com um chapéirão paisano, do qual tombava uma facha longa, de setim, por cima das ancas do

animal. O Infante de Sagres, em novo, seria assim.

Divididas as hostes, metade para cada banda do rio, que por assim dizer formava a fronteira, recolheram-se às tendas e aos palanquins armados, os capitães dirigentes da liça. Sobre os passeios avançavam os combatentes, com os *morioni* em riste. Pelo centro destes cordões, os arautos, seguiram até o eixo da ponte, aguardando os rivais que lhes vieram apresentar as condições da batalha. Aceitas estas de parte a parte, e recolhendo as tropas às tendas da Ribeira Real, a Torre de Relójo deu o sinal para início da contenda, pela bôca dum trom potente. A batalha ia durar três quartos de hora, segundo as leis da sua origem.

Dos acampamentos seguiram com bravura os esquadrões. O encontro foi imediato, tal como no século XIV em que se inventou este jôgo, numa praça da cidade, e mais tarde, no século XVI, quando já neste lugar, os Médicis, ao pensarem no restabelecimento da Ordem de Santo Estêvão, fizeram renascer os festivais da tradição, reconstituindo para estímulo popular os jogos de destreza e os exercícios militares, em habilidoso florescimento de diversão.

Estavam dados os alarmes de clarim. As achas de armas, que também serviam de escudos, têm a forma duma pá grossa, de rêmo, com cabo curto, chamada *morione*, onde cada brigada ou associação de comuna, tem gravadas as legendas da sua fé: — *Sem temer a tempestade, Nunca retroceder, Arde-me com honra a chama, e Decrépito e velho sou mas a mim me respeito e basto*. Junto aos punhos, pendem-lhes amuletos vários, como peixes, porcos espinhos, estrêlas e faunos, insígnias corporativas e honrosas, vendo-se outros sinais pintados no correr da arma, um sol, um coração ardente, uma cruz ou uma flor.

Em baixo, nas águas do Arno, andavam caíques de panos abertos, sépia, zarcão, branco e amarelo, com a proa pintada de imagens e a ré chata, cheios de gente miúda que aguardava os destroços da pugna, e quiçá os cadáveres dos vencidos, que porventura tombassem do campo. A impaciência já mal os agüentava. O vento trazia-os em bailado e o sangue de cada remador levava-os a insultos decorados no falar antigo.

No avanço das tropas, quais festões de côres em estudada ondulação, viam-se as primeiras flâmulas e os primeiros cavaleiros a agitarem-se, como serpentinas batidas por um sopro rijo. Na sua montada branca, um fidalgo vestido de carmezim, como um bispo, tomava a dianteira dos audaciosos. Era uma gama de vermelhão e verde esmeralda, sustida por uma barra prateada de peões. A peleja era assim um jogo festivo, teatral e bem combinado. Havia ritmos nos movimentos e as gritarias pareciam coros. Do lado oposto, os adversários com o chefe reluzente de latão, sobre um cavalo drapejado de azul, avançavam com os estandartes em magote. E pelas margens da ponte, outra gama de batalhadores, amarelo e roxo, mexiam-se em compasso

de remadores. Voltadas ao ceu viam-se as lanças e as achas. A disciplina estratégica era perfeita.

As quimeras simbólicas das galés, correram tôdas para o meio dos arcos, como para um altar, no qual se erguia o pendão de Pisa, branco e com a cruz cardinal, de oito pontas de estrêla.

Em linha de parada, os soldados arremetiam de ambos os lados. Os alferes davam ordens aos jogadores, que com o escudo de madeira na sinistra, se serviam de porretes grossos na outra mão, fingindo abater os contrários. Iam a suar e de viseira cerrada. Os grupos apertavam-se, os golpes sucediam-se, e ora avançando, ora recuando, num vai-vem enganador, iam dando lugar a mais tropas de reforço, coagulando-se a ponte de multicolores efeitos. Os espectadores de-liravam e o tempo passava. Os tambores rufavam em surdo matraquear. Novos encontros, novos gritos, novo jôgo, e na água caíam os primeiros despojos. Os barcos recolhiam-nos. Um ou outro soldado fingia de ferido. Ouviam-se pauladas, imprecações, sinais de guerra. Estava a luta prestes a findar e o minuto derradeiro resolveria a vitória. Nas embocaduras da esplanada tinham ficado os maciços mais imponentes do cortejo. Numa arrancada, cavaleiros e infantes arremeteram. As flâmulas excitavam os combatentes. As pás e as espadas estalavam de encontro às inimigas. O número de jogadores diminuía. A agilidade dominava a fôrça. Como num quadrado de defesa, a bandeira de Pisa foi alcançada, incólume no seu lugar de honra. Um herói baixou-a e tocou-lhe. Estava ganha a batalha e findo o jôgo.

Novo estrondo de peça anunciou a vitória dos paisanos. Nisto, vencedores e vencidos — e até os mortos — perfilados, saíam o pendão municipal com uma oração. Restabelecida a ordem, os cavaleiros, os estandartes, os tambores e os clarins, as fanfarras e os moços emplumados, tôda a fina flor da festa, emfim, parlamentavam de novo em contra-cenas de justa, assinando contratos de paz e compromissos para o ano que vem, naquele mesmo sítio, na mesma hora do dia 30 de Maio, e junto daquela antiga e gloriosa bandeira.

A multidão desfazia-se em aplausos. As confrarias regressavam às suas sedes. E por entre flores, abraços, gritaria, assobios e lenços a acenarem de tôda a banda, os vitoriosos, com o pendão da Paz, na carroça da Comuna Pisana, correram as ruas da cidade, ouvindo o estralejar das palmas e as ovações dos cidadãos, em delírio.

A noite anunciava-se com laivos de sombra e de cobre pulido. Duas horas depois, Pisa voltava ao seu sonambulismo natural e secular, repousando, contente, na mão aberta da luz do luar e na soberba do seu heróico passado. E assim esta antiqüíssima, nobilíssima e belicosa cidade gibelina, continua eternamente bela, a viver das suas memórias:

"Pensando e rimembrando il dolce tempo E l'onorate pompe é grandi onore."

DIOGO DE MACEDO.

O MISTÉRIO DO POVO NIPÓNICO

Tóquio — capital dum país em guerra



Um aspecto da guerra na China

VISITAR a capital de uma nação em guerra, é empresa que atrai, repleta de fascinações, que nos aguça a curiosidade; a capital do Japão em guerra é um desengano. O reporter, ávido de sensações fortes com que saciar o apetite do leitor exigente de iguarias bem condimentadas, sofre surpreendente desilusão ao visitar aquela capital. Tóquio empenhado, vai em um ano, numa guerra que há de influir na sua história e não menos na história da China, estira-se pacificamente acariciado pelos raios suaves dum sol japonês na primavera. Para descobrir nas ruas da cidade os ecos da guerra é necessário procurá-los com di-

ficuldade: é necessário, por exemplo, estacionar à porta de uma pequena loja de livreiro e de periódicos a espreitar; é necessário confundir-nos com os estudantes, com o seu traje uniforme de um azul-escuro de extremo bom gosto, estáticos perante as vitrinas e folhear com atenção os livros de imagens arrumados às duzias, nas estantes competentes. São livros que refletem as crueldades da guerra e o heroísmo despendido. Expõem-se os soldados japonezes transportados em tanques e aviões; livros como aqueles que tódas as crianças e ainda os adultos dos países em guerra, devem possuir e ler, conhecidos em todos os

países da Europa. É nessas pequenas lojas de literatura popular e nos artigos expostos que devemos procurar os traços da guerra ou então deixar-nos conduzir através dos aposentos de qualquer casa burguesa e distinta, até que a senhora da casa nos tenha levado até à sala onde se arrecadam tesouros bem custodiados, e obrigatória ainda nas moradias menos abastadas.

Nesse santuário guardam-se em arca e cofres relíquias amontuadas de geração em geração, que hão de fazer parte dos enxovais das noivas e que constituem admiráveis coleções em que a arte requintada do japonês se revela. Há kimonos bor-

dados profusamente a oiro que despedem luzes cintilantes há leques de oiro puro com desenhos incrustados, gerados na fantasia à solta do artista nipónico. Alguns desses artefactos não indicam grande antiguidade e constituem um pequeno museu, mas já ali não estão guardados para fazerem parte de dotes de noivas; hoje estão reservados para quando a guerra os requisite. Eram objectos que haviam de constituir o dote da noiva, mas a noiva japonesa dispensa hoje a parte daqueles tesouros, porque a pátria necessita de oiro para a compra de matérias primas e o Japão necessita de matérias primas para a vitória final. As grandes empresas cuja labutação dependia das matérias primas vindas do estrangeiro paralisaram repentinamente. Como fabricar arame para instalações eléctricas se o governo não autoriza a importação de cobre a firmas particulares? Só o governo para seu próprio uso pode importar este nobre metal. É, pois, nos kimonos ricamente bordados a fio de oiro e no arame de cobre para as instalações eléctricas que se manifestam as consequências da guerra. Todos os dias aproam ao porto de Yokohama, navios que vêm de todos os confins da terra, ajuizados ao máximo com ferro já usado, algodão, borracha, óleos, cobre e outros artigos que faltam no Japão, país pobre desses produtos e que deles carece muito mais do que os que pode importar.

As novas leis económicas, decretadas depois do início da guerra, sobre compra e venda de mercadorias, de um cerimonial emaranhado como o de um rito religioso, são de um significado expressivo. É na baía de Yokohama, a quarenta minutos da capital e nos balcões dos bancos e casas bancárias de Tóquio que a guerra se faz sentir pesadamente. Em família o filho comunica que ficará livre do serviço militar na inspecção: "A maioria dos estudantes ficou livre; os estudantes não apresentavam a robustez física necessária para o serviço militar na China", diz êle em ar de justificação, porque o serviço longe da pátria necessita de gente forte e resistente. A filha alistou-se na Cruz Vermelha e faz serviço nos hospitais, onde se revez com outras filhas-família. Na China ficaram aqueles que não puderam regressar e os que regressaram trazem pouca saúde. As feridas produzidas pelas granadas são de mau aspecto. Poucos poderão voltar para o "front", e muitos nunca mais. O Japão possui numerosas têrmas para onde envia os feridos e os banhos das caldas de Hakone e Unzen, curam-nos. Mas pouco se fala a-respeito da guerra; a China é longe e a guerra não se peleja, nem em território pátrio nem perto das suas fron-



O metro em Tóquio

teiras. Entré os campos de batalha e o Japão medeiam dois dias e duas noites, por mar.

Quem tem filhos e espôsas nesses campos de batalha, não fala na guerra; sabem que os entes queridos estão na China levados, não pelo desejo de ver novas terras, mas sim para cumprir um dever sagrado e não sabem ao certo onde se trava a batalha.

O Japão, apesar de pobre, não dispensa certas comodidades, que outros países classificam de luxo: o aquecimento da habitação, o asseio rigoroso, o banho fresco matutino, comodidade no lar, ainda que simples e fazem-se pacotes de comodidades que se enviam para o front: chá, tabaco, lenços de mão, periódicos e revistas, doces, bolos japoneses de sal e de peixe e sabão. A China é terra em que abunda a poeira e escasseia o asseio — e a falta de asseio é pior que as feridas. Às vezes recebem-se cartas, acusando a recepção das "comodidades," e agradecendo-as, e aquelas transitam, com orgulho, por entre parentes e amigos. Fora das grandes cidades, assim como nestas, há associações femininas de assistência, em que tôdas as mulheres se alistam, porque o amor da pátria no Japão é de uma veemência levada a um alto grau e geral. Os jornais ocupam-se de preferência das lindas cerejeiras em flor, nacionais e tradicionais; fala-se da reorganização do govêrno e do desenvolvimento das indústrias. ¿E a respeito da guerra? O verde esmeralda das árvores frondosas que ladeiam a movimentada avenida "Ginza," é mais transparente do que nunca. Os kimonos primaveris ostentam as suas côres garridas e alegres. As colegiais que atravessam a cidade com os seus trajos à maruja têm as faces rosadas; os combóios, que transportam os habitantes para os arredores da cidade, vão à cunha. Os parques viçosos que circundam o altar de Meiji e o templo de Osakusa são ocupados na primavera por grandes feiras anuais e os uniformes militares, à europeia, que em tempos de paz as animam, rareiam agora. Há guerra

efectivamente, mas leva tempo a encontrá-la e é necessário saber como encontrá-la. O japonês não encara os revezes da guerra com exaltada cólera contra o inimigo, nem olha para o seu rival com entranhado ódio; não exige carnificinas nem o completo desbaratamento do povo rival.

Há fotografias enternecedoras, tiradas nos campos de batalha em que se vêem soldados japoneses levando ao colo crianças chinesas.

Os grandes periódicos ilustrados reproduzem, com regularidade, fotografias sentimentais da guerra, que expõem nas suas vitrinas e perante as quais se extasiam os transeuntes. "A questão chinesa," que é o título oficial da guerra actual, entre os dois países do extremo oriente, produziu impressão tão desagradável, que as relações entre Tóquio e as outras capitais do mundo não são das melhores.

Na Europa, o Japão tem realmente apenas duas nações amigas: a Alemanha e a Itália. O pacto entre a Alemanha e o Japão, contra o perigo comunista, não era popular no Japão por ocasião da sua assinatura; causou remodelação no govêrno e o povo, durante meses, obstinava-se em simular ignorância a respeito da sua existência. Hoje a situação mudou completamente porque um amigo na necessidade vale por dois ou três e a amizade germano-nipónica é o único luzeiro que brilha no horizonte da política externa do país do sol nascente.

A cruz suástica impera em tôdas as vitrinas e escaparates das lojas de Tóquio; por tôda a parte predominam os livros alemães e é muito "fashionable," aprender alemão. As aulas de alemão, sistema Berlitz, estão espalhadas por tôda



Garridice nipónica

a cidade e são mais freqüentadas do que nunca. Nos pontos mais reconditos e inesperados surgem os retratos de Hitler e de Goering e jornais e magazines publicam longos artigos sôbre a Alemanha, nacional-socialismo, mocidade do Fuehrer, etc. É difícil, contudo, medir a extensão dêste sentimento nipónico. As múltiplas provas da amizade partem, sem dúvida, dos govêrnos, mas, entre o povo, não é raro ouvir do que a amizade com os dois países fascistas é de muito agrado para o Japão, mas que na realidade não representa muita "substância." O japonês sonhador é igualmente prático e talvez não se esqueça de que a Alemanha tem grandes interesses na China. Por ora as relações com a Alemanha, pelo menos economicamente, têm sido muito úteis mas não assim a respeito das relações com a Itália, que se têm restringido a frases sonoras agradáveis de ouvir. Muitos japoneses das classes elevadas entendem que mais útil seria para o seu país a amizade dos dois países anglo-saxões.

E é também para não esquecer que o Japão é detentor de possessões alemãs no Pacífico, que foram entregues à sua guarda pelo Tratado de Versalhes e de que o Japão já declarou não estar disposto a desaposar-se. Mas o povo japonês não é um povo político e tanto êste povo como o seu irmão, o povo chinês, prefere o isolamento. A casa, a família, as ocupações diárias são os seus principais interesses na vida. Povo artístico como não há outro são as preocupações de ordem intelectual aquelas que mais o apaixonam; a política deixa-o indiferente.

O japonês não deve ser medido pelo critério europeu. É um sonhador, que vive de lendas e tradições; a sua própria religião é o culto do passado heróico.

É um povo asiático e misterioso para nós europeus.



Seguindo a velha tradição

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

EM ÉVORA

No teatro de Garcia de Resende, em Évora, realizaram-se ultimamente quatro interessantes récitas de caridade, com fins diversos, organizadas por uma comissão de senhoras pertencentes à melhor sociedade eborense, subindo à cena por distintos amadores, a revista em dois actos e quatro quadros original dos srs Raúl Cordeiro Ramos e João Augusto de Vasconcelos e Sá, com música original e coordenada do sr. dr. Angelo Moreno, intitulada «Palhas e Moínhas», que cada vez que se representa maior êxito obtém.

A revista «Palhas e Moínhas» honra sobre maneira os seus autores, pois no género é de melhor que temos assistido, pois está recheado de belos números, que em qualquer revista, que fôsse escrita para algum dos nossos teatros populares, faria uma carreira triunfal, tais como «Clima», «Quadra Popular», «Ruínas Falsas», «Bonecos», «Manda Quem Pode», «Gibirú», «Mulher ao natural», «Pintadinhas», «Portugal Pequeno», «Censura», «Saramago», «Charlston», «Faz-tudo», «Lenga lenga», «Chaile e lenço», «Cozinheiro», «Ganhão», «Migas e Paio», «Café do Serafim», «Reinadio», «Amor» e «Filósofo».

O brilhante grupo de amadores que teve a seu cargo o desempenho da revista «Palhas e Moínhas» do melhor que temos visto, podendo mesmo afirmar-se que alguns são verdadeiros artistas do teatro ligeiro, entre os quais salientamos em primeiro lugar as srs.^{as} D. Maria Joaquina Silva, D. Octávia Pascoal, D. Ana do Carmo Pita e D. Maria Ana Mena, tôdas em género diferente, sendo pena que a última, que tem uma bela voz, não tivesse sido mais aproveitada, em segundo plano temos as srs.^{as} D. Sabina Augusta Alves, D. Rosa Mendes Fialho, D. Maria Matilde Homem, D. Maria Cândida Vilas Boas, D. Maria del Pilar Campos, D. Gracinda de Sousa, D. Cecília Mourinho de Carvalho, D. Marieta Ferreira e D. Maria Luísa de Vasconcelos e Sá, que completam um friso verdadeiramente encantador.

Também na parte masculina há elementos de grande valor, como são António Ribeiro de Almeida, António Cordovil, José Homem e António Pascoal, Manuel Lima e dr. Vieira, os miúdos Maria Leonor Navega, de 13 anos e seu irmão José de 11, que concorreram para o esplêndido conjunto e grande êxito da revista «Palhas e Moínhas».

A peça foi ensaiada com tódia a proficiência, o poema pelo sr. António Paquete e número de música pelo autor Vasconcelos e Sá estando a contra-regra a cargo do sr. Arnaldo Carvalho e servindo de ponto o sr. Pires.

Com tais elementos podem afoitamente os autores abalançarem-se a trazer à capital no próximo inverno essa companhia, que na capital lhe estará reservado um êxito ainda maior do que obtiveram em Évora e arredores.

NO PALÁCIO SABROSA

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se nos dias e noites de 28 e 29 e noite de 30, nos jardins do Palácio Sabrosa, à Praça do Marquês de Pombal, levada a efeito por uma comissão composta das seguintes senhoras da nossa primeira sociedade D. Ana da Câmara de Bragança, Condessa de Castro, Condessa de Monte Real, Condessa de Penha Garcia, Condessa de Seisal, D. Daise Cohen de Bettencourt, D. Dália Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Fernanda de Lencastre Laborreiro Fuza, D. Fernanda de Melo Beirão, D. Iza, D. Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Isabel Ferrão Schedel, D. Josefina de Canto e Castro da Costa Salema, D. Júlia Pinto de Lencastre, D. Lívia de Arriaga e Cunha de Me'lo Breyner, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Maria Emília Castelbranco, D. Maria Emília Mendes de Almeida Abecassis, D. Maria Empis Félix da Costa, D. Maria Inácia Castelbranco, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto

Basto, D. Maria Santos Roque de Pinho, e Marquês de Santa Iria, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência, patrocinadas pela comissão organizadora.

Tôdas as barracas, sobre tudo o restaurante, bar e «Retiro da Severa» em que durante as três noites se fizeram ouvir os aplaudidos cultivadores da «canção nacional» fizeram óptimo negócio, estando decerto a comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, plenamente satisfeita com os resultados obtidos.

— No mesmo recinto efectuou-se levado a efeito por outra comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a frente da qual figurava o nome da sr.^a D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, na tarde e noite de 5 e noite de 6 do corrente, outro festival de caridade, cujo produto se destina a favor da benemérita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo António, que também resultou muito animado e elegante, tendo sido nessas duas noites os jardins do antigo Palácio Sabrosa, o ponto de reunião preferido pela nossa melhor sociedade.

NA RUA DE S. BERNARDO

A favor da Assistência Social do 6.º Batalhão da Legião Portuguesa, realizou-se na noite de 9 do corrente, um grandioso festival popular, nos jardins da séde do mesmo batalhão, rua de S. Bernardo, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade pertencentes às famílias dos legionários, presidida pela sr.^a Marquês de Abrantes, esposa do ilustre comandante do Batalhão.

Os belos jardins da rua de S. Bernardo, fôram sem dúvida alguma nessa noite o ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tendo a comissão organizadora obtido para fundo de assistência social do 6.º Batalhão da Legião Portuguesa, óptimos resultados financeiros.

Diplomatas

No Palácio da Embaixada de Inglaterra, realizou-se na tarde do dia 1 do corrente, uma interessante festa oferecida pelo ilustre Embaixador de Inglaterra, em Portugal e Lady Selby, em honra do elemento oficial tanto civil como militar, e representante da imprensa, a qual decorreu sempre no meio da maior alegria.

Durante a tarde além de animada conversação, uma esplêndida orquestra executou um belo programa de música Portuguesa.

O ilustre diplomata e sua esposa, acompanhados pelo pessoal da Embaixada e do Consulado, fôram de uma enexcedível amabilidade para com os seus numerosos convidados, em que além dos elementos oficiais, se viam grande número de famílias da nossa primeira sociedade, que se sentiram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Casamentos

Na Igreja matriz de Montemor-o-Novo, celebrou-se presidido pelo prior da freguesia, reverendo Alfredo dos Santos Cartaxo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Edite de Barros, gentil filha do sr. Domingos Alfredo de Barros, com o sr. Francisco dos Santos Girão, filho do sr. António dos Santos Girão, tendo servido de madrinhas as srs.^{as} D. Maria José de Barros e D. Maria Ana Ramalho Malta da Costa e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Marcelino Baptista de Sampaio.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, da «Imperium», seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Cintra onde fôram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Augusta dos Santos Viegas de Seabra, esposa do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antero de Seabra, para seu filho Luis, a sr.^a D. Maria de Lourdes Aldim de Mendonça, interessante filha da sr.^a D. Irene Aldim de Men-



Casamento da sr.^a D. Edite de Barros com o sr. Francisco dos Santos Girão realizado em Montemor-o-Novo. (Foto Alvaro Campeão)

donça e do nosso querido amigo sr. Henrique Cardoso de Mendonça, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Celebrou-se na capela da elegante residência do noivo, à rua da Escola Politécnica, o casamento da sr.^a D. Mary Arriaga, com o nosso querido amigo sr. dr. José Maria Posser de Andrade, servindo de madrinhas as srs.^{as} D. Emília Alcântara de Arriaga e D. Maria das Dores de Andrade e Sousa e de padrinhos os srs. dr. Guilherme Oliveira de Arriaga e dr. António Maria de Sousa, presidindo ao acto o reverendo monsenhor dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais, que no fim fez uma brilhante alocução.

Em capela armada na elegante residência à Avenida da República, da sr.^a D. Adelina Calisto Marques da Silva e do importante industrial e nosso amigo sr. António Marques da Silva, presidido pelo prior de S. Pedro, em Alcântara, reverendo monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento de sua gentil neta sr.^a D. Adélia Calisto Marques da Silva Simões Pereira, filha da sr.^a D. Maria da Glória Calisto Marques da Silva Simões Pereira e do saudoso clínico, falecido há anos, quando da epidemia em Loriga, sr. dr. António Simões Pereira, com e distinto advogado sr. dr. Manuel Guilherme Bastos Mendes, filho da sr.^a D. Berta Laura Pereira Caldas Bastos Mendes e do também nosso amigo sr. dr. Emídio Guilherme Garcia Mendes, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus avós maternos e por parte do noivo a sr.^a D. Virgínia Boaventura Baptista da Silva e o sr. dr. Fernando Baptista da Silva. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimónia, durante a qual fôram executados no órgão, pelo professor Júlio Silva, vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Pelo nosso prezado colega da imprensa Pinto Quartim, foi pedida em casamento para o também nosso colega na imprensa colonial e correspondente do nosso colega «Diário de Lisboa» em Luanda, sr. Agrelo de Castro Paiva, a sr.^a D. Maria Manuela Teles Ferreira da Silva, gentil filha da sr.^a D. Gertrudes Teles da Silva e do sr. Francisco Bonifácio da Silva, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

D. NUNO



A maquette «Ala Arriba!»

MACÁRIO DINIZ é um escultor que triunfou por si e só por si, sem auxílios de quem quer que fosse, no que diz respeito à técnica.

Podia acrescentar-se até que, não só não teve quem o auxiliasse, como ainda encontrou quem lhe dificultasse a carreira, visionando talvez um concorrente que viesse a fazer sombra.

Há dez anos que este vigoroso artista concluiu o seu curso de escultura na ci-

dade do Pôrto, apresentando, como prova final, um trabalho que mereceu do conselho escolar 19 valores e um louvor tão honroso que havia 25 anos que não era concedido.

Na absoluta impossibilidade de aproveitar os quarenta e cinco dias regulamentares para a realização do seu trabalho, conseguiu-o em catorze. Um verdadeiro prodígio! Nesse curtíssimo prazo, o jovem artista conseguiu atingir o seu objectivo numa arrancada heroica.

E, assim, surgiu o *Julgamento de Frinéa* que mereceu a consagração da Escola de Belas Artes do Pôrto. Adquirido por este modelar estabelecimento de ensino, ali figura na galeria do seu museu.

É a deslumbradora Frinéa, desnudada pelo seu defensor ante os severos juizes do Areopago que cedem à clemência para não cometer um crime imperdoável de lesa-beleza.

Mas até atingir esta consagração, quantos sacrifícios, quantas contrariedades!

Vem a propósito dizer que Macário Diniz iniciou os seus estudos artísticos na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde encontrou — valha a verdade! —

bons mestres como o saudoso Condeixa. Mas, na passagem dos preparatórios para a especialidade, é que a primeira grande decepção para o seu espírito. O jovem artista, sentindo o fogo sagrado a impulsiona-lo, revoltou-se contra o método do anti-pedagógico que pretendiam impor-lhe. Podia lá ser?! Como se poderia meter um condor numa gaiola de grilos? E o moço escultor lá foi deabalado até à cidade do Pôrto. Lá existia a Escola



Prova final do Curso — «O Julgamento de Frinéa»

COMO SE FAZ

UM ESCULTOR QUE SE

O fogo sagrado não carece

de Belas Artes e ainda orgulhosa das suas nobres tradições. Por ali tinham passado Soares dos Reis, Henrique Pousão, Sousa Pinto, Diogo de Macedo e tantos outros grandes artistas.

Não se enganou Macário Diniz nos efeitos da sua transferência para o norte. Ali encontrou a amizade de Guedes de



Escultor Macário Diniz

Oliveira, grande jornalista, grande carácter e grande coração, que lhe dispensou o mais carinhoso acolhimento. Ao lado deste apareceram António Carneiro, Marques de Oliveira, Aarão de Lacerda e Acácio Lino que nunca desaparamaram e esperançoso catecúmeno, antes o fortaleceram na fé artística, estimulando-o com palavras entusiásticas.

Nessa altura, o jovem escultor, que já sentira o travo das desilusões, deveria ter suspirado como o poeta:

*Ainda há rosas brancas neste mundo!
Ainda há almas feitas de pureza!*

No último ano do seu curso, Macário Diniz sofreu outro contratempo. Mestre Teixeira Lopes, incompatibilizando-se com Guedes de Oliveira, afastou-se da Academia de Belas Artes, e, assim, o aluno ficou novamente sem mestre, entregue à sua sorte, forçado a estudar e a trabalhar sozinho, caso talvez inédito nos anais do nosso ensino.

Um contratempo? E daí talvez não. Este facto poderia ter contribuído, em parte, para formar a sua personalidade própria que tanto se empenha em manter. E quem nos diz que, não ter sucedido assim, o artista não iria tolher-se

UM ARTISTA

MODELOU A SI MESMO

de velhos foles que o ateiem

e mediocrisar-se num atelier alheio, onde o sol só entra por um lado?

Não tendo tempo para sentir demasiadamente a influência dos mestres escultores, Macário Diniz, modelou-se a si mesmo — e foi essa a maior razão do seu triunfo.

Que escola segue?

Nem a antiga, demasiadamente académica, nem a ultra-moderna, menos natural e inconcebível com os seus desrambamentos. Procura, em todos os trabalhos que realiza, dar-lhes carácter e realidade, relegando para o segundo plano o chamado belo académico, literário e convencional.

Não degenerou. Evoluiu dentro do seu temperamento rebelde, um tanto revolucionário, acompanhando as inovações da hora, mas detestando os exagêros do tal modernismo com tais aleijões e monstruosidades.

Nunca é demais salientar que Macário Diniz, encontrou no Pôrto, professores que foram seus génios espirituais, tecnicamente o que é hoje, deve-o apenas ao seu esforço individual.

Pena foi que não tivesse ido à frente o monumento aos Mortos da Grande Guerra, que deveria ser levantado na Póvoa de Varzim, segundo a maquete de Macário Diniz.

Este projecto, que tinha por divisa «Ala Arriba!», embora aprovado com o aplauso unânime dos poveiros e as mais entusiásticas apreciações da crítica, ficou desgraçadamente sem efeito por falta de verba, segundo se disse.

Tudo isto mete pena, mas é verdade. Essa maquete, saindo da vulgaridade, constituía uma sublime e majestosa homenagem aos heróis gloriosos que caíram pela Pátria.

Eis, a largos traços, a interpretação do monumento, tal como o seu criador o concebeu:

Em baixo, vê-se uma grinalda presa a dois capacetes metálicos. As faces laterais representam, em baixo relevo, uma luta titânica em que um soldado tomba, mortalmente ferido, nos braços da Imortalidade, e um barco naufragado, traduzindo a heroicidade e revivendo a bravura indómita da gente poveira.

Na parte posterior, uma lápida eterna os nomes dos soldados poveiros mortos na Grande Guerra.

A estátua, que se ergue numa ascensão gloriosa, representa a Póvoa, em cuja cabeça resalta a acentuada expressão rânica daquela gente que vive das terras e do mar. Os braços elevam-se verticalmente, sustentando em ambas as mãos uma corôa para depôr no altar da Pátria.

Pena foi que este magnífico projecto não tivesse realização, tanto mais que o pouco que lá se encontra nada tem, a nosso ver, nem mesmo simbolismo. Poderão dizer-nos que assim é que a Arte deve ser interpretada, mas não é essa a nossa opinião, como não seria também a de Fídias, se tivesse a desgraça de voltar a este mundo.

Macário Diniz devia ter sofrido uma grande desilusão. Não se queixou, talvez por orgulho, mas deve ter ainda nódoas negras na sua alma sonhadora.

Não desanimou, no entanto. Continuava a sentir entusiasmo pela continuidade de tudo o que o rodeava, e mantinha o seu desejo quasi utópico de espreitar a vanguarda através de um postigo exíguo, inverosímil. Sentia a ânsia insolita de voar!

Surgiu a estátua de Gualdim Pais que deve ser inaugurada brevemente na cidade de Tomar.

Belo e grandioso monumento!

Vem a propósito dizer que o levantamento desta estátua tem constituído uma verdadeira luta de muitos anos.

Partiu esta grandiosa ideia do devotado tomarense dr. Vieira Guimarães que já em 1895 batalhava pela sua realização.

Quarenta e tantos anos durou esta campanha, até que, vencidas as dificuldades financeiras e contrariedades de toda a espécie, ficou saldada a dívida sagrada para com o herói que povoou e levantou o inexpugnável castelo de Tomar que ainda se ergue, orgulhoso, no alto monte.

Todos os obstáculos foram removidos pelo Associação dos Amigos do Monumento a Gualdim Pais, sob a presidência do tão benemérito quão severante dr. Vieira Guimarães.

Auxiliando esta patriótica cruzada, o Estado concedeu 9 mil escudos para o bronze. Tudo se conseguiu, finalmente, graças à boa vontade de meia dúzia de subscritores e à desinteressada



Maqueta da estátua de Gualdim Pais

coadjuvação do artista. E aqui está como, apesar de tudo, o escultor conseguiu modelar-se a si próprio.



O levantamento da estátua para o seu pedestal na Praça da República em Tomar

A mamã explica á filha de cinco anos que todos os anjos têm bonitos cabelos e umas asas brancas...

— Mas, mamã, todos os anjos têm asas?
— Decerto, todos têm.
— Mas, a nossa criada Matilde não tem asas... E ainda ontem ouvi o papá dizer-lhe: "és o meu anjo", e deu-lhe um beijo.
— Pois tem asas, verás. Ainda hoje vai voar daqui para fóra.

Numa aula de inglês, o professor esforça-se para fazer compreender a um aluno que o "i" se pronuncia "ai", mas não há forma de êle perceber.

— Levante-se e volte-se para o quadro!
— ordena o professor.
O rapaz obedece e o professor aplica-lhe um tremendo pontapé.
— Ai! — exclama o rapaz.
— Ora até que enfim... que percebeu. É assim mesmo!

N'um teatro, há muitos anos, imitava o actor Lamas as vozes de vários animais.

N'uma noite em que êle imitava um burro a zurrar, levantou-se um patusco da plateia e declarou que imitaria muito melhor que o actor.

O público fê-lo subir ao palco, onde ele começou a zurrar, com grande galhofa dos espectadores.

Então o Lamas, dando-se por vencido, exclamou:

— Meus senhores, onde se apresenta o original, deve-se retirar a cópia!

Tôda a gente rompeu numa estrondosa gargalhada!

Estando muito doente um avarento, disse ao filho que fôsse chamar um médico.

Êste, que era ainda mais avaro de que o pai, respondeu-lhe que os médicos estavam muito caros e que não merecia a pena gastar tanto dinheiro.

— Agora não concordo com a tua opinião — diz-lhe o pai — pois não vês que o entêrro é pior? É preferível dar trinta escudos ao médico, do que presentes ao cangalheiro!

Em tempos, um pobre rapaz pretendeu namorar uma beldade que o fascinara.

Um dia, fez-lhe sinal de que lhe desejava enviar um bilhete e mostrou-lhe um papel, de longe.

Ela respondeu que sim, e mandou a criadita para o trazer.

O rapaz, entusiasmado com a sua vitória, guardou o papel e entrou na escada para entregar o bilhete para a menina.

Mas, com a precipitação, em vez do bilhete, mandou lhe outro que estava ao pé... a cautela dum relógio de prata que êle tinha empenhado, por quinze escudos em dia de apertos...

A resposta não se fez esperar...
A criada trouxe a cautela e quinze escudos!



Um caixeiro entrega uma carta a um moço de fretes. No envelope ia o nome dela...

O moço, lendo, exclama:

— Não posso lá ir!

— Porquê?

Ele limpando uma lágrima:

— Jurei nunca mais tornar a falar-lhe...

Num teatro da província representava-se uma peça, em que o "rei", tinha de dizer: "Estou indeciso em resolver, a qual dos meus dois filhos deixe a corôa..."

Levanta-se um campónio, da geral, e exclama:

— O' sr. "rei", é melhor deixar 'meia corôa a cada um!...

Num relojoeiro de escada.

— Compre êste relójo, que regula muito bem! O preço é convidativo, 35 escudos; e olhe que não ganho nada com êle!

— Mas então, se o senhor não tem lucro neste negócio, porque é que vende o relójo por êsse preço?

— É que o ganho vem depois, nos consertos...

O marido — Isto é demais! A sôpa está esturrada, a carne está tão cozida que parece palha! As batatas estão pôdres; o peixe está cru e cheio de escamas! Irra! que isto não se pode aturar! Põe-me já a sopeira na rua!

A mulher, muito aflita da sua vida. — Foi despedida esta manhã. O jantar de hoje foi todo feito por mim!...

Em certa mercearia entrou um individuo que dirigindo-se ao marçano disse:

— Pese aquele queijo flamengo que está na montra.

Depois do queijo pesado, interrogou:

— Em quanto importa?

— Em vinte e oito escudos.

Assim que o viu o queijo embrulhado, o "freguês" volta-se para o marçano e diz-lhe:

— Afinal, antes quero levar os chouriços. Pese vinte e oito escudos dêsses melhores, em troca do queijo.

Depois de pesados e embrulhados os chouriços, o "freguês" vai a sair.

— Ó senhor! — chama o marçano — olhe que não pagou os chouriços!

— Bem sei; que grande novidade! Eles vão em troca do queijo!

— Mas é que o senhor não pagou o queijo!

— Pois claro que não! Eu não o levo! Fica ali em cima do balcão. Ainda há alguma dúvida?

— Não senhor, está tudo muito bem. Faz favor de desculpar!

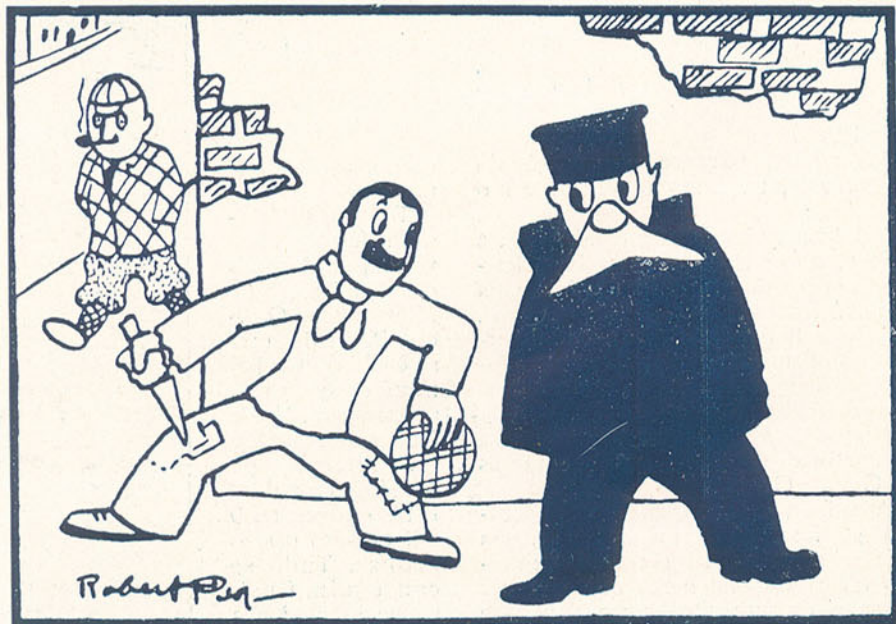
E o freguês passou-se sem pagar

Saíndo uns noivos da igreja, depois do casamento, diz-lhe a noiva:

— Espero que terás agora muito juizinho...

Ele responde-lhe:

— Juro-te que esta foi a minha última asneira!



POLIGEOTISMO POLICIAL

— Senhor guarda, faz-me o favor diz-me como se diz em inglês «a bolsa ou a vida!»?

FIGURAS E FACTOS



Peregrinações em Lisboa é o novo livro de Norberto de Araújo. Nada mais é necessário acrescentar para se fazer o seu elogio. Norberto de Araújo é o cronista brilhante que todos admiram, é dos raros escritores que fazem vibrar as teclas da alma. Agora leva-nos a peregrinar com ele através da velhíssima Lisboa. Deliciosa excursão! E não ficaremos por aqui. Dentro em breve teremos um convite idêntico; pois ele promete-nos uma outra digressão com magnífico itinerário. Bem haja!



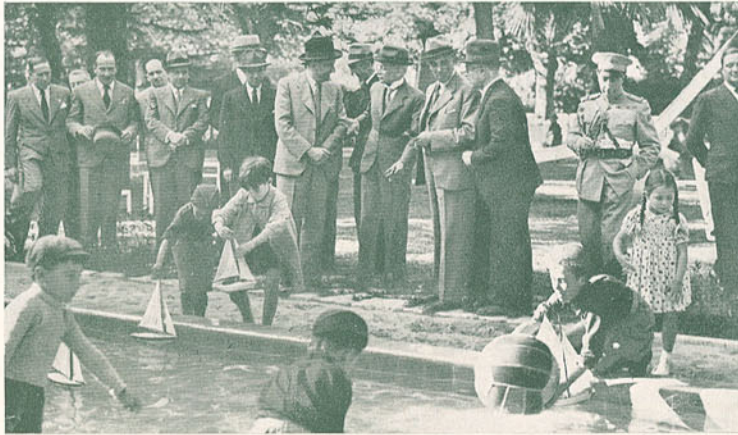
Amador Patrício publicou as *Grandes Reportagens de outros tempos*, que Martins Barata ilustrou e o dr. Caetano Beirão prefaciou. Lendo as belas páginas deste livro chegamos à conclusão de que Amador Patrício escreve com o mesmo vigor e elegância do seu prefaciador. Como explicar este fenómeno? Muito simplesmente: é que o verdadeiro autor é o próprio dr. Caetano Beirão, autor consagrado de belas obras como *D. Maria I* e *Cartas da Rainha Mariana Vitória* e tantas outras que obtiveram enorme sucesso



Luiz Teixeira, o jornalista brilhante que desde há muito se evidenciou pelas extraordinárias qualidades do seu talento, acaba de reunir num elegante volume o magistral artigo *Peril de Salazar — Elementos para a história da sua vida e da sua época*, publicado há cerca de mês e meio no *Diário de Notícias*. Eis um magnífico estudo que é necessário ler para se avaliar a grandeza do eminente estadista que biografou. Cento e tantas páginas que nos empolgam até o fim



Joaquim Paço d'Arcos, o festejado escritor do *Herói derradeiro* e do *Diário de um emigrante* publicou um novo romance que tem por título *Ana Paula*. O seu autor manifesta-se um fino psicólogo que tem também o condão de escrever numa linguagem atraente, cuidada e elegante. Embora banal, o assunto do livro tem a vantagem de ser tratado com raro talento. Joaquim Paço d'Arcos venceu mais uma vez a sua personalidade de escritor e psicólogo



Os srs. Presidentes da República e do Conselho e ministro das Obras Públicas na inauguração do Parque Infantil no Jardim da Estrêla. — À direita: A sr.^a D. Manuela Bonito lendo o seu discurso junto do túmulo de Camões por ocasião da romagem de 10 de Junho



O sr. Cardial Patriarca ministrando a comunhão a duzentos presos no Forte de Monsanto. — À direita: Um aspecto do almoço de confraternização de empregados da «velha guarda» da Companhia dos Telefones



O encontro entre o Sporting e o Belenenses, para efeitos do Campeonato de Portugal disputado no Estádio do Lumiar, foi o mais emocionante dos quartos de final: o ponto decisivo, marcado por João Cruz, correspondeu talvez ao momento culminante do sensacional partido

A mais importante manifestação de exercício físico realizada durante estas últimas semanas transcorridas, que ao mesmo tempo merece ser considerada uma das mais imponentes e significativas a que até à data temos assistido, foi incontestavelmente a festa da Mocidade Portuguesa organizada no Campo do Jockey Club, com o espetáculo sensacional da parada de ginástica por 1800 executantes.

Não foi esta a primeira vez que em Lisboa se apresentaram publicamente grandes massas de crianças em lições de ginástica; recordaremos as antigas festas anuais dos estabelecimentos da Assistência Pública e uma interessantíssima apresentação no Estádio do Lumiar incluída no programa das últimas festas da Cidade em 1935. Este ano, porém, os exercícios foram encorporados numa grandiosa demonstração de actividade física móvel, que gerou um precioso ambiente de entusiasmo, vivacidade e alegria, no qual mais sobressaiu a impressão favorável de disciplina, vigor físico e ordem, emanada da observação dos movimentos de conjunto.

De quantas manifestações ginásticas possam ser organizadas entre nós, com características as mais diversas, nenhuma poderá equiparar-se em utilidade e beleza ás que abrangem na mesma classe, sem objectivo de confronto, grandes massas humanas.

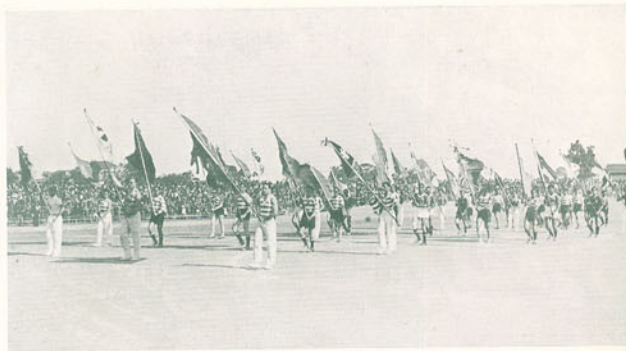
A parada do dia 29 de Maio deve assegurar-se de regularidade anual, passando a constituir obrigatoriamente o elemento principal da festa nacionalista da raça, interpretada pela mocidade do país. Com pouco maior espaço, procurando

apenas mais elevado número de colaborações e principiando a preparação com mais larga antecedência, não será difícil aumentar o número dos participantes sem prejuízo de harmonia. Conseguir-se-ia desta forma patentear os progressos da difusão da ginástica educativa, reunindo num só bloco quantas actividades dispersas trabalham pelo mesmo patriótico intuito e evitando também — segunda vantagem — o perigoso espirito de competição que na nossa terra se não sabe compreender, como recentemente foi provado pelas reacções posteriores ao concurso promovido pelo Ginmástico Club Português.

Na fase presente de evolução na aplicação prática da ginástica educativa é

indispensável fortalecer por íntima e leal colaboração de todos os orientadores, o bloco dos que pugnam pelo mesmo método e contra o qual continua o embate das vagas destruidoras dos adversários irredutíveis. Enquanto aquele bloco manter sólida unidade, a resistência prosseguirá vitoriosa; mas se as dissensões — por falsas rivalidades, por despeito, por vaidades feridas, por luta de escolas — abrem brecha na muralha, então o inimigo infiltrar-se-á por ela e perder-se-ão todas as vantagens conseguidos pela soma de tão grandes esforços.

O Sporting Clube de Portugal comemorou a passagem do seu 32.º aniversário



O imponente desfile dos estandartes do clube e das suas filiais na parada comemorativa do 32.º aniversário do Sporting Clube de Portugal

A QUINZENA DESPORTIVA

rio apresentando no terreno do Estádio do Lumiar, perante o Sr. Presidente da República e altas individualidades da Nação, um desfile de forças vivas que traduziu com expressiva imponência a considerável actividade da importante agremiação desportiva.

O elevado número de praticantes apresentado em campo, a avultada diversidade de secções traduzindo um ecletismo quasi completo na expansão da prática desportiva, a significativa aliança dos desportistas e dos ginastas, já por si bastavam para atestar o mérito do Clube, mas maior valor atingem ainda se entrarmos em conta com a categoria marcante de todos esses nucleos no conceito relativo do meio nacional.

O grémio dos "leões", cuja popularidade crescente em todo o país é mais um sinal de desenvolvimento, prepara-se confiadamente para enfrentar o problema fundamental da sua existência construindo, com os próprios recursos, instalações desportivas dignas da sua tradição e da capital onde está instalado.

A parada atlética da festa do seu aniversário, disciplinada, imponente, garbosa, contribuiu seguramente para provar, aos da casa e aos estranhos, a capacidade de actividade do Sporting e a segurança dos elementos em que baseia os seus projectos.

Em período de valorização desportiva, assegurada a ordem interna pela perfeita integração da massa associativa no espirito dirigente dos chefes, a colectividade não deve temer o futuro enquanto mantiver a orientação graças à qual conquistou o posto proeminente onde a opinião pública a consagrou.

A expansão da prática de certos jogos desportivos depende a maioria das vezes duma oportunidade de divulgação, criada com segurança quando é servida por

qualquer factor de influência junto do espirito público.

Algumas modalidades, excelentes como exercício físico e atraentes como espectáculo recreativo, mantêm actividade despercebida em consequência apenas da ausência dum acontecimento que, no momento oportuno, lhe tivesse dado o impulso decisivo.

Tal era o caso do "volley-ball", praticado há muitos anos em Portugal por iniciativa do Triângulo Vermelho, sem nunca haver conseguido chegar ao favor popular e apenas falado vagamente por ocasião de torneios estivais nas praias da moda.

No entanto este jogo, excelente exercício para os seus praticantes, tem sido cultivado regularmente nos centros escolares e no exército, sem conseguir entrada franca no meio desportivo, cujas preferências haviam distinguido outras modalidades, menos de apreciar; e nada indicava que a situação mudasse de aspecto até que a disputa dum campeonato entre seleções provinciais da Mocidade Portuguesa fez convergir sobre o "volley-ball" as atenções dispersas.

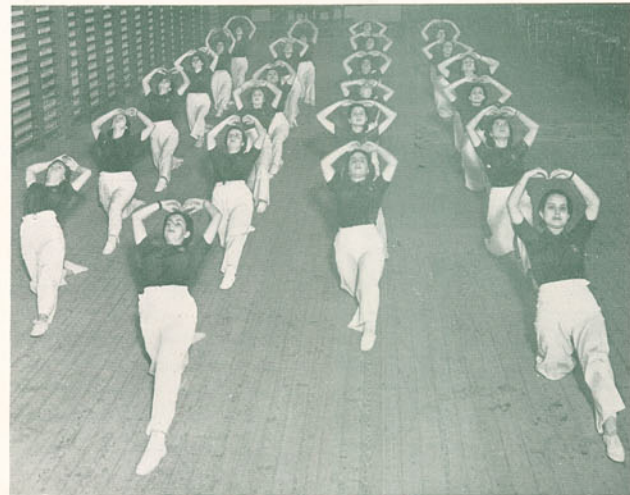
É caso para bem-dizer aquele torneio pelas suas consequências indirectas, pois promoveu o espezivar da actividade desportiva numa variante de incontestável valor educativo, e da qual estão já anunciadas as primeiras competições.

Oxalá este entusiasmo súbito não arrefeça e a propaganda prática do "volley-ball" seja um facto definitivo, organizada em bases suficientemente seguras para lhe garantir uma regularidade crescente na divulgação.

Durante a quinzena, a expectativa dos desportistas de todo o mundo viveu presa ao desenrolar do 3.º Campeonato Mundial de Football, disputado em França



A classe mista infantil do Ginmástico Clube Português, também vencedora no Concurso de Ginmástica com uma apresentação que lhe conquistou as mais justificadas referências elogiosas



A classe de senhoras do Sporting Clube de Portugal, vencedora da sua categoria nos campeonatos nacionais de ginmástica e que foi homenageada pelo clube numa recente festa onde foi prestada justiça ao seu incontestável triunfo

pelas quinze equipas apuradas nas competições eliminatórias em quatro continentes.

Quando escrevemos esta crónica não conhecemos ainda os resultados dos encontros que hão-de indicar os dois finalistas de domingo próximo, que devem sair de entre os quatro nomes favoritos, Itália, Brasil, Suécia ou Hungria.

A equipa germânica, cujas últimas competições internacionais não haviam correspondido às esperanças dos dirigentes, apresentou-se consideravelmente reforçada pela inclusão de diversos jogadores austríacos, anexados a tempo oportuno; o encontro de oitavo de final em que este grupo defronta o suíço pode considerar-se como um dos mais emocionantes do torneio.

Os jogos da primeira volta fôram mar-

cados para diversas cidades francesas, mas a partir dos quartos da final todos os encontros terão lugar em Paris, no velho estádio de Colombes ampliado para este efeito, de forma a poder comportar 70.000 espectadores.

Quando nos queixamos das nossas instalações desportivas, serve em regra o argumento da grandiosa capacidade dos recintos similares nas grandes capitais.

Afinal Paris, a cidade-luz, teve que remediar-se consertando um estádio que já conta 14 anos, para corresponder à organização da mais importante competição do mais popular desporto, numa época em que nenhum grande país conta a capacidade dos seus melhores edificios desportivos por menos da centena de milhares.

A ronda inicial da competição e os jogos de quarto de final, cujas decisões são já nossas conhecidas, trouxeram algumas surpresas, das quais a maior e sobretudo aquela que mais directamente nos interessa foi a derrota da Alemanha pela Suíça, depois dum primeiro empate rijamente disputado.

Confirma-se assim o que em tempo escrevemos na "Ilustração" acerca do adversário que nos fôra designado para o grupo eliminatório do Campeonato, e cujo valor não foi levado pela opinião pública na devida consideração.

Os suíços, com uma toada de jogo inteligente e rápida, voluntariosos e duros, são sempre em competições um antagonista perigoso, como o provaram agora vencendo a equipe germano-austríaca e dificultando ao máximo o triunfo aos húngaros, que consideramos possíveis campeões mundiais.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinhã; A. Coim-brã; Moreno; Ligorre; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo-Hespanha; Lusíadas; Dicioná-rio de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 7

(3.º NÚMERO DO TORNEIO)

TOTALISTAS — 21 pontos

Agasio, Barão Y, Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Infante e Matina

OUTROS DECIFRADORES

Sevla — 18. M. A. P. M. — 18. Ti-Beado — 16. Francisco J. Caurelos — 15. Zarabasto — 14. Visconde X — 12

DECIFRAÇÕES

1 — Amório. 2 — Nojoso. 3 — Varapau. 4 — Co(lo)car. 5 — Jornada. 6 — Urso. 7 — Abala-mento. 8 — Novelo. 9 — Custoso. 10 — Filha-rasca. 11 — Idioma. 12 — Corpo. 12-A — Ébrio. 13 — Ver(ga)dor. 14 — Fô(le)go. 15 — Pe(ral)ta. 16 — Tor(men)ta. 17 — Ra(mo)so. 18 — Indi(gên)-cia. 19 — Acheга. 20 — Tocarola. 21 — O mar se parte se em regatos se reparte.

TORNEIO CHARADÍSTICO

Com o presente número termina, para os pro-dutores, este nosso singelo torneio. De harmonia com o que enunciámos, atrazadamente, vamos convidar um juiz, para cada uma das espécies, a-fim-de se saber quais as produções que devem ser premiadas.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

De viver junto ao Céu, na *solidão* — 1-5-3-4. Da serra mui longínqua e majestosa, Anda a minha alma há muito deseјosa, Aspira tal prazer meu coração!

Ser das aves do monte o bom *irmão*, — 6-5-1-4. Beijar à urze à flor linda e viçosa, Ver os cardos sorrindo... O' que ditosa Seria a vida ali, em tal mansão!

Á, santa mãe de Deus, eu vou *rezar*, — 4-5-7-5. Pedir-lhe com ardor p'ra transformar Numa verdade a minha doce esp'rança.

Feliz quem da Natura as leis *seguir*!... — 7-1-7-5. Pois dos homens as leis fazem carpir E só terror nos trazem à *lembrança*!

Albergaria-a-Velha *Olegna (L. A. C.)*

CHARADAS ANTIGAS

1) Quotidiano era o meu passeio Seguindo à tarde pela *estrada*; — 2 A contemplar essa paisagem Que tinha ao longe a linda arcada.

E era, emfim, nesse meu passeio Que a minha *mágoa* então soltava — 1 Tendo a ouvir-me um passarinho Que em cima duma cruz cantava.

E quando o sol, saúdosamente, Amortecia em tom fagueiro, Eu regressava então a casa Como se fôsse um *passageiro*.

Évora *Fotaême*

2) Já perdi a ciência da conquista — A nobre arte de amar e ser amado; Sorriu-me a *f'licidade* no passado — 1 Nuns olhos de mulher... linda modista!

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 16

Abandonci os ares de fadista, A orgia, a guitarra, o doce fado, Que eu cantava a primor, embriagado, Numa *expressão* sagáz de hábil artista — 2

Minhas loucas paixões... doces enganos... Inflamadas no ardor dos dezoito anos, Foram saúdades... sonhos divinais!

Meu coração pulsou, nutriu amor Num desejo *feliz*... consolador, Numa doce ilusão que não vem mais!...

Lisboa *Barão Y*

3) Quem as charadas fizer em prosa, nunca se enerve; porque a frase que estiver mal redigida, não *serve*. — 2

Uma charada engendrada numa frase irregular, dá sinais de calinada e até nos causa *pezar*. — 1

A prosa que tem gramática e um conceito bem pensado, é obra de que tem prática, trabalho bem *governado*.

Biscáia *Olegna (L. A. C. e D. A.)*

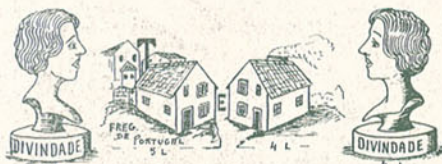
4) Cá na minha *opinião* — 1 Tenho uma grande impressão De que — isto não é chalaça — Todo aquele que me *lê* — 1 Nota logo, já se vê, Que nada escrevo com *graça*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SINCOPIADA

5) Quando vejo um *comilão* A sugar o seu patrão, Sem vergonha nem entono,

20) ENIGMA FIGURADO



Não sou mais senhor de mim; Sinto um tal frenesim Que barafustou... *blasono*. — 3-2 Leiria *Magnate (L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICA

6) É coisa de mínimo valor A bengala que empregamos P'ra castigar qualquer ofensor Quando disso necessitamos. Portanto o que é certo É metermo-nos num *barreiro*. — (2 2) 3 Luanda *Ti-Beado*

ENIGMA

Com profunda admiração ao confrade Ordisi

7) No coração de uma «*expia*» Há ainda a voz do bem, Pois nunca esquece o amor Pela nossa Terra-Mãe.

Há ainda, mas fugiu, A afeição verdadeira; Esta deve ser p'la Pátria, A nossa afeição primeira.

E o que não quizer ver O Belo da nossa História, É porque atravessa a vida Numa barca bem *simplória*.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

8) Este nome de linda mulher É de cinco letras formado; Permutando quarta com quinta Terão «*homem*» desempenado.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

9) Senti grande *dor* ao cair numa *escavação* desta terra portuguesa. — 2-2.

Lisboa *Gelsia*

10) O meu «*plano*» era: tornar *desenvolvido* o comércio no *terreiro do paço*. — 1-2.

Lisboa *Mr. Dell*

11) Foi por causa do teu mau *carácter* que as nossas *relações* se reduziram a uma simples *troca de cartas*. — 1-5.

Lisboa *Visconde da Relva*

12) *Acredite* que a minha «*mulher*» é muito *cuidadosa*. — 2-2.

Lisboa *M. A. P. M.*

13) Um *sacrifício* constitui, muitas vezes, a luz dum ente à nossa *guarda*. — 2-2.

Vila de Rei *Dóris I*

14) A *idade* de qualquer pessoa nunca deve ser *chamada*. — 2-2.

Lisboa *Infante*

15) Quem há-de *dizer* que existe *compaixão* numa *mulher despeçível*! — 1-1.

Lisboa *Agasio*

SINCOPADAS

16) O *sapatinho de creança* tem muita *graça*. — 3-2.

Lisboa *Rosa Silvestre*

17) É verdade que me *exprimo com elegância*; mas, por vezes, a *frase* é um pouco confusa. — 3-2.

Lisboa *De Negro (M. D. C.)*

18) *Afinal de contas*, que *contas* me dás do *relógio*?!... — 3-2.

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

19) *Lágrimas!* Eis, seres vis, os vossos *jo-guetes!*... — 3-2.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

Tóda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º -- Lisboa.

UMA FIGURA DA ACTUALIDADE

MR. NEVILLE CHAMBERLAIN

Nesta agitada época em que vivemos à frente do governo de todos os países, têm de estar homens de grande talento, alta sabedoria, prudência corajosa, e fina diplomacia, homens que vivam num contínuo cuidado, num alerta de todos os momentos, homens de nervos de aço, que consigam resistir às complicações que diariamente surgem pondo em contínuo perigo o sossêgo do mundo e ameaçando subverter a paz num caos de infelicidades, que seriam bem mais temíveis do que as sofridas há 22 anos, pelos inventos modernos, pelo aperfeiçoamento dos engenhos da morte, que aproveitados em elementos de vida, tão úteis podem ser à humanidade.

O sangue frio, a prudência, a clarividência, têm de ser dotes daqueles que dirigem os países e que têm a responsabilidade de milhões de seres humanos.

Não é invejável neste momento a situação de mandante, que tão grandes e tão amargas responsabilidades traz, não é invejável nem desejável, mas o patriotismo impõe obrigações e aqueles que possuem qualidades de dirigentes, têm o dever de sacrificar o seu bem-estar pessoal, o seu sossêgo, pelo bem do seu país.

A tranquilidade de vida, é sem dúvida uma das maiores felicidades da terra, mas aqueles que possuem a energia, o carácter e as qualidades de mando, não têm o direito de antepor a sua felicidade, à obrigação de salvar o seu país e talvez até de salvar o mundo inteiro, das desgraças da guerra.

E foi pensando assim que Mr. Neville Chamberlain assumiu o lugar de primeiro ministro da Inglaterra. Um dos maiores países da Europa. Sacrificando o seu sossêgo pessoal, a sua vida de família, o senhor Chamberlain, prestou ao seu país, um altíssimo e relevante serviço, que não foi prestado só à sua Pátria, mas a todo o mundo, que lho deve agradecer.

Homem inteligente e ponderado numa grande sagacidade e numa hábil diplomacia, sabe fazer

respeitar o seu país, adaptando-se às contingências actuais não contundindo ninguém, nem deixando que o país que se entregou nas mãos seja levemente beliscado nos seus interesses e nas suas prerogativas.

É assim que um político deve ser homem da paz, ele deve ser respeitado por todos aqueles que compreendem o horror à guerra e que temem as suas tristes conseqüências para a pobre humanidade.

O homem da paz, prudente e sagaz mas, também o homem que mantem sem beliscadura a dignidade do seu país, respeitador do que aos outros se deve, mas compreendendo que os interesses pátrios não devem sofrer em nada, mantendo bem alto o nome dum país tradicionalmente grande.

Orador eloqüente, ele tem marcado um lugar de destaque no Parlamento inglês, onde ainda há pouco fez um discurso de grande repercussão mundial sobre política externa.

O senhor Neville Chamberlain, chefe de família exemplar, deixou os encantos duma vida familiar pelas agruras do mando numa ocasião em que se debatem tão graves questões internacionais, época de contínuo sobressalto.

Chamberlain, no entanto, ainda consegue dispensar alguns momentos da sua agitada vida política, para gosar uns momentos de sossêgo no seio da família que estremece e que é a sua alegria.

Como se vê da gravura junta e da sua expressão de tranquila felicidade, o primeiro ministro inglês, que dirige com tacto a política do seu país, mantendo um equilíbrio admirável na política externa, e ainda considera os melhores momentos da sua vida, àqueles que passa no seu lar e sobretudo àqueles que dedica ao seu netinho, filho de sua filha Mrs. Stephen Lloyd.

Se o amor de pai, é um dos maiores amores dum coração de homem, amor que enternece pela protecção que desenvolve em torno dos entes queridos, auxiliando-os e aconselhando-os na vida, o amor de avô é duplamente carinhoso.



Victor Hugo, o grande escritor francês descreveu-nos em admiráveis estrofes o que significa o ser avô, nesse admirável livro que se chama «A arte de ser avô», estrofes e versos dum mimo e dum carinho como raramente se têm escrito, em que dois entezinhos que despontavam para a vida, são elevados por seu avô a astros fulgurantes, que formavam a melhor parte do seu grande coração de homem de génio e de sentimento.

Quando a essa casa de Drowning Street, onde habita sempre o primeiro ministro inglês, símbolo de poderio e calvário de tormentos, chega a visita de Mrs. Lloyd com o seu loiro bebê, tipo perfeito do rapazinho inglês, sadio, robusto de tez de camélia branca e rosada, olhos azuis, ar enérgico e já voluntarioso o estadista que vive na preocupação das mil e uma dificuldades que a todo o momento surgem na vida do homem de hoje, que dirige um país, se é que essas dificuldades não foram de todos os tempos, sente desanuviar-se-lhe o horizonte, e, na face rosada do seu neto ele vê aparecer-lhe uma aurora de felicidade.

Esquecidas tôdas as preocupações, postas de parte tôdas as dificuldades, o riso alegre da criança põem cintilações de felicidade nos olhos brilhantes desse homem, costumados a passear um olhar frio e dominador, sobre uma assembleia onde nem todos concordarão talvez com a sua boa orientação e que ele se vê obrigado a submeter à disciplina, que o bem dum país exige aos seus políticos.

Esse bebê que nós vemos sorridente e calmo nos braços de sua mãe, que o contempla embevecida, podemos dizer, sem medo de nos enganarmos, que é o raio de sol da vida dum grande estadista sobre cujos ombros pezam as mais graves responsabilidades.

Quando o trabalho é exgotante, o horizonte é sombrio, as névens de tempestade se acumulam, numa medonha promessa, que fresca madrugada não representa o olhar puro e azul duma criança, e, que cristalinas soam as gargalhadas que abrem uma rósea e inocente bôca.

Nesses dias de «week-end» que mais reconfortante companhia pode haver para esse avô, que o trabalho e a responsabilidade assoberbam, do que a do netinho alegre e traquinas, do que a da filha estremeosa e afeiçoada e como são ignorantes e desgraçados aqueles que negam o valor da família e maus e cruéis aqueles que a querem destruir.

A família é uma responsabilidade sem dúvida, mas é a fonte das melhores alegrias, nela, na sua união encontramos o conforto para todos os males, a consolação para todos os desgostos.

Não é sem uma introduzível pena que eu leio nos jornais, o que agora tão freqüentemente sucede, a notícia: «O senhor Neville Chamberlain interrompeu o seu «week-end» e voltou a Londres, por causa das notícias da política europeia».

Penso sempre como esse homem cansado de assuntos graves, desejou êsses poucos dias de descanso numa casa familiar onde brilham os sorrisos de sincera amizade e que são alegrados pelos brinquedos duma adorada criança e como há-de ser doloroso renunciar a êsses dias de tranqüila felicidade para mergulhar de novo no mar negro dos cuidados.

MARIA DE EÇA





mãe dona de casa exemplar de outros tempos, nem tão pouco liberar a escola onde aprender, e, talvez dessa filha, nascesse a origem de tantos divórcios e tão grandes mal entendidos. Entre nós não há ainda uma escola completa de donas de casa, mas é para notar a quantidade de cursos domésticos, de cozinha, corte, costura e puericultura, assim como de enfermagem que se tem organizado e que são muito frequentados.

O programa da Mocidade Portuguesa Feminina é também animador e nesse sentido de boa orientação dá completa satisfação aos mais exigentes e que esse programa terá uma segura efectuação é penhor seguro a boa direcção que possui.

A escola de donas de casa, que incute na mulher o amor à casa e aos trabalhos femininos é indispensável na sociedade moderna, que passados os primeiros tempos da embriaguez da liberdade feminina, começa a compreender a necessidade do regresso da mulher ao lar para completa felicidade humana e equilíbrio da vida social.

Escolas onde a mulher aprenda o que tinha esquecido um pouco, a ser mulher e a desempenhar na sociedade o papel para que foi criada, ocupando o lugar que lhe compete, que é talvez um dos mais importantes da vida, e não isento de trabalho e preocupações de toda a ordem, é, dum grande responsabilidade, pois nada mais importante que o bem estar da família, que forma a maior força da sociedade.

MARIA DE EÇA.

A moda

EM pleno verão a moda apresenta-nos graciosos e novos modelos, que nestes últimos tempos antes da partida para as águas e para o campo são da maior utilidade. Até meados de julho sucedem-se as festas, as recepções e os chás de forma que, a elegância exige o maior cuidado nestas «toilettes» das últimas festas, que já nos ficam para as noites nas termas, ou nos Casinos de praia.

Estes vestidos devem já ter uma forma diferente daqueles que se usam nas grandes festas de inverno, porque embora sejam de gala, devem ter um aspecto mais simples para não destoar em qualquer local de vilegiatura.

Onde se nota grande diferença na moda é nos chapéus que este ano são acentuadamente mais enfeitados e com um aspecto de maior feminilidade, o que, se por um lado nos aborrece pelo

PÁGINAS FEMININAS



hábito em que há anos estamos de usar chapéus dum tão grande simplicidade, que facilmente os tiramos e pomos, também a «coquette» feminina se sente satisfeita ao ver que tão bem lhe ficam os chapéus enfeitados e tão graciosos.

Para de dia acentua-se a tendência para a saia curta o que não é para felicitar porque prejudica a harmonia da silhueta; quando muito exagerada.

Apresentamos um modelo de vestido, que serve para um baile de Casino, para um jantar em família e até para um baile.

A saia em setim preto é justa e pouco rodada a blusa é metade em setim rosa pálido, metade em setim azul «Nattier», tudo «voilé» por uma ampla saia em fina renda preta e um bolero até à cintura na mesma renda.

Original e elegante é um vestido muito prático indispensável quasi num guarda vestidos dum senhora elegante que viaje e frequente lugares da moda.

Outro bonito vestido é este dedicado às senhoras pequeninas e de graciosa estatura, é muito original e favorece muito.

Em «crêpe» preto tem a parte superior em tule rosa pálido guarnecido a grossa «pailletes» de vários tamanhos. Simples e gracioso.

Para a rua, servindo também para um chá, elegantíssimo vestido em seda azul escuro lisa, todo guarnecida a preguiças «lingerie», cinto formando um laço em «crêpe» vermelho e gola igual. Sobre o vestido que tem a manga curta uma jaqueta larga unicamente guarnecida com pregas. O chapéu é na mesma seda com uma guarnição pespontada na aba e «cache-peigne» da mesma cor e cinto.

Um originalíssimo modelo é o que se segue. Um vestido em seda «imprimée» fundo preto e desenhos em vermelho e branco. Sobre o vestido que é simples o mais possível, abrindo no pescoço em elegantes «bandas», coloca-se uma



saia que não fecha na frente e prende com uma fivela e veste-se o bolero que não chega à cinta, de mangas compridas. Este vestido pode fazer quatro vistas. Só a seda «imprimée», só com a saia, com a saia e bolero, ou o vestido só com o bolero. Na cabeça um gracioso chapelinho em loize preto.

A blusa tem um lugar primacial nas «toilettes» de verão, pela comodidade que representam. Damos um lindo modelo, fundo branco marfim, florido com as mais vivas e brilhantes flores.

Dama elegante forma, tem umas graciosas algebeiras guarnecidas a plissado, que também enfeita a gola e mangas. Chapéu em palha preta brilhante aba revirada guarnecido por uma «torçade» em «tule» vermelho claro. «Cache-peigné» em «tule» e cerejas caindo sobre a testa e o cabelo, dum maneira graciosa que põe em valor o colorido belo dum cabelreira abundante. Tem «chic» e novidade este lindo modelo.

A janela

NUMA casa a janela tem a maior importância. Para que um quarto seja arejado e se possa viver nele com a necessária higiene é preciso que tenha uma ampla janela, por onde entre o sol, a luz e o ar sem os quais não pode haver saúde.

Mas a janela na casa moderna, onde a mulher elegante impera, tem de ser adornada, para que o aposento não tome o antipático aspecto dum casa desabitada ou dum hospital para doentes.

Na guarnição da janela que pode ser «coquette» e cuidada deve haver o cuidado de não conturdir a higiene e é pois necessário que as cortinas junto aos vidros como a guarnição interior sejam laváveis e nelas se não acumule pó, que torne anti-higiénico o quarto ou sala.

Os tecidos mais usados são as «étamines» e há-as lindíssimas ou para quem não possa gastar muito as cambraias. Estas são também bonitas,

mas não têm a mesma duração. É conveniente na guarnição interior fazer o «store», sobre o curto de forma a que quando se abre a janela não impeça o ar de entrar francamente. Uma janela bem guarnecida dá à casa um aspecto elegante.

Rendas e flores

A mulher moderna volta a adornar-se com rendas e flores, esses adornos tão femininos, que dão à mulher uma graça especial e a embelezam como nenhum outro enfeite.

As rendas, espuma branca a iluminar um vestido escuro dão um ar de frescura deliciosa à «toilette» feminina, um ar de asseo e graça.

Uma gola de fina renda, basta para tornar graciosa a mais simples e severa «toilette». Uma linda renda é sempre uma obra de arte e qual é a mulher que não sente a arte finíssima das rendas?

As flores verdadeiras ou imitação, são o mais fresco ornamento. Na lapela dum «tailleur» uma bonita flor dá um certo ar de «coquette» que fica bem à mulher nova e bonita. No decote dum vestido de noite as flores naturais ou não guarnecem com elegância.

Os chapéus de palha floridos serão em todas as ocasiões, os mais bonitos na época do verão, e agora a moda adaptando-os fez às senhoras uma gentileza, pois permite-lhes embelezar-se.

Higiene e beleza

HÁ muitas senhoras que se queixam de quedas de cabelo e atribuem o mal às permanentes e outros tratamentos que fazem para descolorar o cabelo. É evidente que não são muito favoráveis à beleza do cabelo, mas se forem acompanhadas de tratamento, não haverá graves consequências a registar.

O cabelo que sofreu uma permanente fica em geral muito seco e é esse o motivo da queda.

A noite deve escovar-se muito bem o cabelo e com a escova embebida num pouco de óleo de ricino perfumado, espalhar no casco a gor-



dura que lhe falta, o que lhe dá aspecto de morto e o faz cair.

De manhã escovar de novo com uma escova seca e bem limpa antes de ajeitar a ondulação e fazer o penteado. De três em três dias nos primeiros tempos, e, depois de oito em oito dias, escovar com o óleo, porque escovar a seco deve fazer-se todas as noites e manhãs.

O óleo de ricino além de dar ao cabelo a gordura e o brilho necessários, tem propriedades que o fazem crescer e evita a queda do cabelo.

Receitas de cozinha

Ovos moles de Aveiro:— Quinze gemas de ovos, seiscentas gramas de açúcar cento e vinte e cinco gramas de arroz.

Põe-se o açúcar a ferver e leva-se a ponto de espadana. Coze-se o arroz muito bem e depois de cozido, passa-se por uma peneira muito fina, resultando um palme, que se junta à calda, misturando bem e deixando ferver até que a colher descubra o fundo do tacho, nesta ocasião tira-se do lume, deixa-se esfriar um pouco, deitam-se as gemas dos ovos, cujas pelúcias se tenham cortado, liga-se tudo bem, e, leva-se novamente ao lume a engrossar a massa e a cozer os ovos.

Pão de ló de Coimbra:— Sete ovos de grandeza média, partem-se e separam-se com cuidado as gemas das claras. Junta-se às gemas um pouco de sal refinado e duzentas e cinco gramas de açúcar, e batem-se depois bem. As claras batidas em castelo, juntam-se às gemas, deitando-se na mesma ocasião cento e cinquenta gramas de farinha de trigo muito fina. Bate-se então toda a massa muito bem batida, para ficar muito fofo e fôfo.

Depois de estar nestas condições, deita-se numa forma muito bem untada com manteiga da melhor, levando-se logo ao forno, que deve ter um calor moderado para fri cozendo lentamente.

De mulher para mulher

Corajosa:— Tem razão, a coragem é que faz com que se vença na vida. Porque não indaga se há qualquer vaga nas escolas industriais, e, porque não aproveita essa sua aptidão em labores, para concorrer como mestra? Sei que há lugares regularmente pagos e creio que na sua cidade há uma escola industrial. Coração ao alto e que a não abandone essa simpática energia para remar contra a maré.

Violeta:— Deixe-se de preocupações ridículas, que lhe importa ter mais um quilo, há coisas mais sérias na vida dum mulher, se tem saúde, se não está desfigurada, se está bem longe de ser obesa, para que há de estar a pensar se pesa mais um quilo ou menos um quilo. Não vale a pena pensar em insignificâncias dessa ordem. Preocupe-se um pouco mais com o espírito e não se atiga tanto com o corpo. Leia, instrua-se, a mulher hoje tem de ser culta e não basta ser apenas obediência.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 4, 3, 2
Copas — 6, 5, 4, 3, 2
Ouros — D, 4, 3
Paus — A, 2

Espadas — 6, 5 **N** Espadas — 9, 8, 7
Copas — D, V, 7 **E O** Copas — 10, 9, 8
Ouros — R, 7, 6 **O** Ouros — V, 10, 9, 8, 5
Paus — R, D, 10, 8, 7 **S** Paus — V, 9

Espadas — A, R, D, V, 10
Copas — A, R.
Ouros — A, 2
Paus — 6, 5, 4, 3

Trunfo espadas. — **O** sai por R, **p.** — **S** faz quatro vasas.

(Solução do número anterior)

(b) **S** joga D. e.

(c) Se **O** se balda a ouros e **N** a paus, **E** não pode baldar-se a ouros porque firmava duas cartas de ouros a **N**. Se se balda a copas (**a**), **S** joga o 9 **p.**, **N** o A. **p.**, e repete paus que **S** corta com 2 **e.**, e joga A. **e.** e 9 **o.**, dando a mão a **E** que tem de jogar ouros.

(a) Se **E** se balda a V. **p.**, **S** joga 9 **o.**, e **N** cobre com V. **o.**, e firma duas cartas de ouros, que faz quando tiver a mão em A. **p.**

(b) Se quando **S** joga D. **e.**, **O** e **N** se baldam a paus, **E** não pode baldar-se a paus ou ouros, porque abona o A. **p.** e 10 **p.**, ou V. **o.** e 4 **o.** de **N**; se se balda a copas, **S** joga 9 **o.** e **N** 2 **o.** Se **E** entra com D. **o.**, abona V. **o.** e 4 **o.** de **N**; se cede com o 3 **o.**, **S** joga 2 **e.** e faz, a seguir, A. **e.** e o A. **p.**, de **N**.

(c) Se quando **S** joga D. **e.**, **O** se balda a V. **e.**, **N** joga 7 **p.**, **E** não pode baldar-se a copas ou ouros, porque abona o 7 **e.** ou duas cartas de ouros de **N**. Se se balda a V. **p.**, **S** joga 9 **o.** e quer **E** ceda ou entre com o D. **o.**, **S** cumpre.

Caixa de música microscópica

Existe na Inglaterra, e na posse de um colecionador de Londres, a caixa de música mais pequena de que há conhecimento, pois que anda disfarçada no engaste duma aliança de ouro. Basta comprimir uma pequenina mola, para que o microscópico mecanismo entre a funcionar, fazendo ouvir várias peças musicais. Como se pode calcular, para se apreciar essa música é indispensável pôr o ouvido ao pé do anel. Tão maravilhosa obra de mecânica data do século XVIII.

Adivinhação gráfica

(Solução)

É a palavra *fôlha*. A *fôlha* do punhal, a da parra e a de papel, em que o *ponto* do teatro está apontando o papel do actor.

A peça de pano

(Solução)

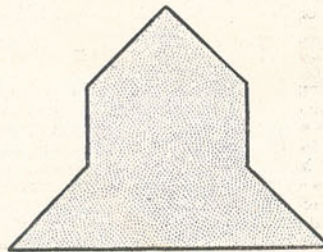
Provavelmente, quasi tôda a gente disse logo 50 segundos.

Mas não é tal, é 49 segundos, visto que o último corte divide logo o pano em dois metros, um para cada lado.

A maioria dos peixes podem mudar à vontade de côr para se adaptarem ao meio que os rodeia. Fez-se a curiosa observação de que os peixes cegos não possuem essa faculdade.

Divisão de propriedade

(Problema)



Querendo um indivíduo dividir uma propriedade sua em quatro porções, todas do mesmo tamanho e feitio, ficou perplexo sem saber como havia de consegui-lo em vista da forma extraordinária que a dita propriedade tinha, conforme a gravura mostra.

Como se saíria êle da dificuldade?

Uma anedota de Wagner

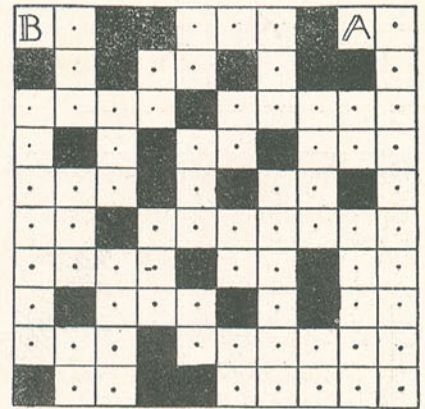
Passou-se isto em Londres, no grande festival wagneriano, dado em Albert Hall, no ano de 1877.

Durante um ensaio, Wagner, impacientado com a deficiente execução da orquestra, foi ter com o violinista Deischmann, a quem, na sua qualidade de alemão, escolhera por intérprete e disse-lhe:

— Diga a estes senhores, que se estivessem n'uma cidade da Alemanha, seriam imediatamente despedidos pela sua péssima execução.

Deischmann dirigiu-se aos seus companheiros e traduziu-lhes em inglês, da seguinte forma, a repreensão do maestro:

«Cavalheiros, o sr. Wagner pede-me para lhes dizer que compreende perfeitamente as dificuldades que a sua música oferece; e roga-lhes que toquem com a melhor boa vontade, mostrando-se, quanto possível, menos desagradáveis do que êle.»



Trata-se de ir de A até B passando por todos os centros dos quadrados brancos e só uma vez por cada um, sem quebrar nunca o traço.

Fortuna imprevista

Os antigos falavam da roda da Fortuna e tinham razão.

Há tempo, uma costureira de San Remo, resolveu ensinar à sua filha, da idade de dez anos, a maneira de lidar com uma máquina de costura. Como precisava da sua máquina para as suas obras e tampouco a não queria estragar com experiências, foi buscar ao sótão da sua casa uma velha máquina que pertencera à mãe, já falecida e que esta recebera em herança, muitos anos antes. Essa máquina estava tão enferrujada que a costureira tratou, primeiro que tudo, de lhe untar as rodas com óleo.

Quando procedia a êsse trabalho, descobriu um rôlo de papéis sujos escondidos no interior da máquina. Qual não foi o seu espanto ao constatar que se tratava de velhos bilhetes do Tesouro italiano. Os ratos já lhes tinham roído os cantos, mas com grande alegria sua, disseram-lhe no Banco que êsses bilhetes conservavam ainda o seu valor. Com os juros acumulados, a quantia caída assim providencialmente nas mãos da costureira elevava-se a perto de setenta contos.

Na Bulgária, suicidou-se um homem com 99 anos, por não querer chegar a centenário.



A patrão: — Durante toda esta semana, Gertrudes, tenho visto o leiteiro beijá-la, de manhã e à tarde. Aposto que o rapaz do talho fará também o mesmo?

A criada: — Oh! não, minha senhora. Êle vem só uma vez por dia.

(Do «London Opinion».)

À VENDA

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.

Texto modernizado. Anotações e comentários

DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

1 volume brochado 12\$00
 Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

A 3.^a EDIÇÃO DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
 Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA, o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado..... 12\$00
 Pelo correio à cobrança..... 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Deposítária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E

COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos,** segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catálogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
FLERES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELRUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CBIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas,
profusamente ilustradas,**

Esc. 10\$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Hígino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} x 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

* Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA